HERPETOLOGIA BRASILEIRA

ISSN: 2316-4670

Volume 4 - Número 3 - novembro de 2015



SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

INFORMAÇÕES GERAIS

A revista eletrônica *Herpetologia Brasileira* é quadrimestral (com números em março, julho e novembro) e publica textos sobre assuntos de interesse para a comunidade herpetológica brasileira. Ela é disponibilizada apenas online, na página da Sociedade Brasileira de Herpetologia; ou seja, não há versão impressa em gráfica. Entretanto, qualquer associado pode imprimir este arquivo.

SEÇÕES

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia: Esta seção apresenta informações diversas sobre a SBH e é de responsabilidade da diretoria da Sociedade.

Notícias Herpetológicas Gerais: Esta seção apresenta informações e avisos sobre os eventos, cursos, concursos, fontes de financiamento, bolsas, projetos, etc., de interesse para nossa comunidade.

Notícias de Conservação: Esta seção apresenta informações e avisos sobre a conservação da herpetofauna brasileira ou de fatos de interesse para nossa comunidade.

Dissertações & Teses: Esta seção apresenta as informações sobre as dissertações e teses sobre qualquer aspecto da herpetologia brasileira defendidas no período.

Resenhas: Esta seção apresenta textos que resumem e avaliam o conteúdo de livros de interesse para nossa comunidade.

Trabalhos Recentes: Esta seção apresenta resumos breves de trabalhos publicados recentemente sobre espécies brasileiras, ou sobre outros assuntos de interesse para a nossa comunidade, preferencialmente em revistas de outras áreas.

Mudanças Taxonômicas: Esta seção apresenta uma lista descritiva das mudanças na taxonomia da herpetofauna brasileira, incluindo novas espécies e táxons maiores, novos sinônimos, novas combinações e rearranjos maiores.

Métodos em Herpetologia: Esta seção apresenta descrições e estudos empíricos relacionados aos diversos métodos de coleta e análise de dados, representando a multidisciplinaridade da herpetologia moderna.

Ensaios & Opiniões: Esta seção apresenta ensaios históricos e biográficos, opiniões sobre assuntos de interesse em herpetologia, descrições de instituições, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, etc.

Notas de História Natural: Esta seção apresenta artigos curtos que, preferencialmente, resultam de observações de campo, de natureza fortuita, realizadas no Brasil ou sobre espécies que ocorrem no país. Os artigos não devem versar sobre **(1)** novos registros ou extensões de área de distribuição, **(2)** observações realizadas em cativeiro ou **(3)** aberrações morfológicas.

Obituários: Esta seção apresenta artigos avisando sobre o falecimento recente de um membro da comunidade herpetológica brasileira ou internacional, contendo uma descrição de sua contribuição para a herpetologia.

Editores Gerais:	Marcio Martins Magno Segalla
Notícias da SBH:	Fausto Barbo Giovanna G. Montingelli
Notícias Herpetológicas Gerais:	Cinthia Aguirre Brasileiro Paulo Bernarde
Notícias de Conservação:	Luis Fernando Marin Débora Silvano Yeda Bataus
Dissertações & Teses:	Giovanna G. Montingelli
Resenhas:	José P. Pombal Jr. *(anfíbios)* Renato Bérnils *(répteis)*
Trabalhos Recentes:	Ermelinda Oliveira
Mudanças Taxonômicas:	José A. Langone *(anfíbios)* Paulo C. A. Garcia *(anfíbios)*
Métodos em Herpetologia:	Camila Both Denis Andrade Felipe Grazziotin Felipe Toledo
Ensaios & Opiniões:	Julio C. Moura-Leite Luciana Nascimento Teresa Cristina Ávila-Pires
Notas de História Natural:	Cynthia Prado Marcelo Menin Marcio Borges-Martins Mirco Solé Paula Valdujo Ricardo Sawaya
Obituários:	Francisco L. Franco Marinus Hoogmoed
Contato para Publicidade:	Magno Segalla

Sociedade Brasileira de Herpetologia

www.sbherpetologia.org.br

Presidente:	Marcio Martins
1º Secretário:	Fausto Erritto Barbo
2º Secretário:	Thais Barreto Guedes
1º Tesoureiro:	Vivian Carlos Trevine
2º Tesoureiro:	Rachel Montesinos
Conselho:	Taran Grant, José Perez Pombal Júnior, Magno Vicente Segalla, Ulisses Caramaschi, Teresa Cristina Ávila-Pires.

© Sociedade Brasileira de Herpetologia

Diagramação:	Airton de Almeida Cruz
Foto da Capa:	Desova de *Bokermannohyla circumdata,* Piraquara, PR. Foto: Magno Segalla.

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

ÍNDICE

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia 67

Notícias Herpetológicas Gerais 68

Notícias de Conservação 69

Dissertações & Teses 70

Trabalhos Recentes 71

Mudanças Taxonômicas 75

Ensaios & Opiniões 94

Notas de História Natural 97



Sibon nebulata, Ubajara, CE. Foto: Daniel Loebmann.

ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DA SBH

No dia 9 de setembro de 2015, durante a Assembleia Geral Ordinária do 7º Congresso Brasileiro de Herpetologia, na cidade de Gramado, RS, foram eleitos a nova Diretoria e o novo Conselho Deliberativo da SBH. A única chapa inscrita para concorrer à Diretoria ("Chapa Ação") foi eleita para o biênio 2016/2017 com a totalidade dos votos: Marcio Martins (Presidente), Bianca V.M. Berneck (1ª Secretária), Fausto Erritto Barbo (2º Secretário), Rafael dos Santos Henrique (1º Tesoureiro) e Rachel Montesinos (2ª Tesoureira). Para o Conselho Deliberativo, Marcio Borges-Martins e Teresa Cristina Ávila-Pires foram eleitos para mandatos de 4 anos e Magno Segalla e Marcelo Napoli, para mandatos de 2 anos. Os conselheiros Ulisses Caramaschi, José Perez Pombal Júnior e Taran Grant, que haviam sido eleitos para mandatos de 4 anos em 2013, permanecerão até 2017.

AUSÊNCIA DO RAN-ICMBIO NO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE HERPETOLOGIA

A Diretoria da Sociedade Brasileira de Herpetologia vem a público manifestar sua grande preocupação com a ausência das atividades já rotineiras do RAN-ICMBio (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios) e da grande maioria de seus técnicos durante o 7º Congresso Brasileiro de Herpetologia, realizado em setembro de 2015, em Gramado, RS. As atividades organizadas pelo RAN, como os já clássicos Fóruns do RAN, e a participação de seus técnicos em discussões sobre a conservação da herpetofauna brasileira fizeram grande falta no congresso. Esperamos que a escassez de recursos institucionais, que causou tal ausência, não se repita no futuro e que nós possamos continuar contando com essas atividades nos próximos congressos e outros eventos da SBH.

AGRADECIMENTOS DO PRESIDENTE DA SBH

O Presidente da Sociedade Brasileira de Herpetologia agradece a inestimável contribuição da diretoria do biênio 2014-2015 ao bom andamento das atividades realizadas no período. O trabalho incansável de secretários e tesoureiros é o que permite que essa diretoria cumpra com seu papel de congregar e informar a comunidade de herpetólogos brasileiros. Além da diretoria, que agora é parcialmente substituída, o presidente da SBH agradece ao Conselho Deliberativo, que cumpriu papel fundamental na tomada de decisões importantes ao longo desse biênio. Com equipes tão eficientes, a tarefa de atingir os objetivos da SBH trona-se muito mais fácil e prazerosa. Por fim, cabem agradecimentos especiais à comissão organizadora do excelente 7º Congresso Brasileiro de Herpetologia, realizado em setembro de 2015, em Gramado, RS.

Marcio Martins

CARTA ABERTA SOBRE O DESASTRE AMBIENTAL DE MARIANA

A diretoria da SBH divulgou no dia 11 de dezembro uma carta em que expressa sua grande preocupação com o desastre ambiental de Mariana, o maior já ocorrido no Brasil. Essa carta está aqui reproduzida.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA

Nota sobre desastre ambiental de Mariana

A Bacia do Rio Doce, em Minas Gerais e no Espírito Santo, tem sofrido desde 5 de novembro de 2015 os efeitos do mais grave desastre ambiental da história do Brasil. Nessa data, 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério iniciaram um caminho de destruição rumo ao mar capixaba. Centenas de pessoas estão sofrendo diariamente as consequências desse desastre que, além de causar vítimas, soterrou casas e locais de trabalho e convívio social.

Ambientalmente, os efeitos incluem a morte de diversos organismos. Dentre os ambientes afetados por esse desastre estão riachos, banhados e matas de galeria que abrigam importante parcela da herpetofauna brasileira, além de outros diversos organismos. Tais ambientes são usados como locais de reprodução de várias espécies de anfíbios e répteis. A falta de precedentes de desastres de tamanha proporção impede a devida predição de seus impactos sobre a biodiversidade local.

A multa aplicada à mineradora responsável por tal desastre, a Samarco, foi a maior já aplicada pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Entretanto, já é sabido que o valor é irrisório se comparado aos danos sociais e ambientais de tal desastre. Além disso, infelizmente, as políticas preventivas, como a fiscalização eficiente de tais empresas, deixam a desejar, fazendo com que os recursos não se convertam diretamente em prevenção e mitigação de impactos ambientais. Nesse sentido, a Sociedade Brasileira de Herpetologia, junto com outras sociedades científicas, expressa sua grande preocupação com a falta de um plano de mitigação dos impactos desse desastre, a ser solicitado pelo Ministério Público e órgãos cabíveis, e com a falta de transparência quanto às ações de mineradoras e outras empresas que tanto impactam a biodiversidade brasileira.

A Sociedade Brasileira de Herpetologia apoiará o planejamento e a implementação de estudos herpetológicos que demonstrem as consequências desse desastre. A SBH espera que esse desastre sirva como um alerta permanente aos perigos decorrentes de diversas atividades que ocorrem no território nacional que, a exemplo da mineração, podem sujeitar a nós mesmos e a nossa biodiversidade a riscos da magnitude observada no desastre de Mariana. Que tal alerta faça intensificar a fiscalização e o correto cumprimento dos planos de contingência já exigidos pela legislação ambiental brasileira.

São Paulo, 11 de dezembro de 2015.

Marcio R. C. Martins
Presidente
(representando a Diretoria atual e a eleita durante o CBH 2015 em Gramado)
Sociedade Brasileira de Herpetologia

Sociedade Brasileira de Herpetologia - Rua Florianopolis 372, Vila Bertioga, São Paulo, SP – CEP 03185-050

SPECIAL BIOGEOGRAPHY MEETING – 2016 "THE BIOGEOGRAPHY OF ECOLOGY"

O evento ocorrerá entre 4 e 8 de maio em Pequim, China, e os resumos devem ser enviados até 15 de fevereiro. Haverá simpósios paralelos, sobre Filogeografia, Distribuição de espécies sob mudanças climáticas e Ecofilogenética, além de um simpósio para pesquisadores em início de carreira. Maiores informações podem ser encontradas no site do evento: www.ibs2016-china.org/en.

2016 EVOLUTION MEETING

O evento é organizado pela Society for Study of Evolution (SSE), the Society of Systematic Biologist (SSB) and American Society of Naturalists (ASN) e será realizado entre 17 e 21 de Junho de 2016 em Austin, Texas. O inicio do período de inscrições está previsto para Janeiro de 2016. Maiores informações podem ser encontradas no site do evento: www.evolutionmeetings.org.

53RD ANNUAL MEETING OF THE ANIMAL BEHAVIOR SOCIETY

O evento ocorrerá entre 30 de Julho e 03 de agosto de 2016 em Columbia, Missouri, Estados Unidos. Os autores poderão submeter trabalhos nas seguintes áreas: Ecologia do Comportamento, Etologia, Evolução, Ecologia, Psicologia e Neurociência. O prazo final para o envio é 31 de Março de 2016. Maiores informações podem ser encontradas no site do evento: www.animalbehaviorsociety.org/2016/index.php.

53RD ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR TROPICAL BIOLOGY AND CONSERVATION

O congresso da ATBC de 2016 ocorrerá entre 19 e 23 de junho em Montpellier, França. O tema do evento será "Tropical Ecology and Society: Reconciling Conservation and Sustainable use of Biodiversity". A programação oficial ainda não está no site, mas as inscrições já estão abertas. Maiores informações podem ser encontradas no site do evento: http://atbc2016.org.





Corallus hortulanus, Gaucha do Norte, MT. Foto: Reuber Brandão.

FINALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO NACIONAL – HERPETOFAUNA INSULAR

Em agosto deste ano foi realizada, na Academia Nacional de Biodiversidade (Acadebio/ICMBio), a avaliação final do Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Insular Ameaçada de Extinção – PAN Herpetofauna insular. O PAN foi aprovado em 2010 com ciclo para até 2015, tendo como objetivo geral "Estabelecer medidas para a proteção e recuperação do ambiente e das espécies de répteis e anfíbios ameaçados de extinção, com ênfase nas espécies endêmicas das ilhas marinhas do Arquipélago dos Alcatrazes e Ilha da Queimada Grande, visando reverter os processos de ameaça". Inicialmente, as espécies alvo, três serpentes *(Bothrops insularis, Bothrops alcatraz* e *Dipsas albifrons cavalheiroi)* e três anfíbios *(Scinax alcatraz, Scinax peixotoi* e *Cycloramphus faustoi),* eram as listadas como ameaçadas de extinção na avaliação nacional de 2003. Todavia, a partir da atual lista de espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção, publicada em 2014, foram acrescentados dois anfíbios *Scinax peixotoi* e *Cycloramphus faustoi* e excluída a serpente *Dipsas albifrons cavalheiroi* que deixou de ser ameaçada de extinção, pois trata-se da mesma espécie que ocorre no continente e que não está ameaçada.

Para a avaliação final do PAN, estiveram presentes 17 pessoas representando algumas das instituições parceiras de ensino e pesquisa, governamentais e não governamentais, como: Marinha do Brasil, Instituto Butantan (IB), Instituto Vital Brazil (IVB), Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (CEVAP/UNESP), Fundação Parque Zoológico de São Paulo (Zoo SP), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMV/USP), Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN/ICMBio), Estação Ecológica Tupinambás e Área de Relevante Interesse Ecológico Ilhas da Queimada Pequena e Queimada Grande.

Ao final do ciclo de cinco anos, das 51 ações do PAN voltadas para geração de conhecimento sobre as espécies e seus hábitats, fiscalização, gestão pública, relações interinstitucionais e de educação ambiental, 26 ações foram concluídas (51%) e 25 não foram concluídas (49%). Dessas últimas, 22 ações (80%) foram iniciadas e muitas estão quase finalizadas. As ações que tiveram maior dificuldade de implementação foram as voltadas para elaboração e implementação de programas de educação ambiental, elaboração e produção de material paradidático, informativo e de divulgação, principalmente em decorrência de falta de recursos financeiros.

Desde a aprovação do PAN, as ameaças às espécies permanecem, pois são espécies endêmicas de áreas restritas (pequenas ilhas), de hábitat específico, algumas de interesse para o tráfico de animais e seus hábitats sofrem impacto com espécies exóticas invasoras (principalmente gramíneas). Contudo, uma das ameaças mais importantes para as espécies endêmicas da Ilha dos Alcatrazes felizmente cessou, pois a Marinha do Brasil, desde o 2º semestre de 2013, passou a utilizar nos exercícios de tiro outra ilha do Arquipélago dos Alcatrazes (Ilha da Sapata), ou alvos móveis.

Infelizmente, o processo de criação do Parque Nacional Marinho Arquipélago de Alcatrazes, que desde 2013 já havia sido discutido e aprovado por diversas instâncias (comunidades locais, conselhos de UC e Marinha do Brasil), foi interrompido no âmbito do ICMBio, propondo-se agora uma outra área de abrangência e outra categoria. Se isso for adiante, faz-se necessário retomar as discussões.

Durante este período de execução, foi perceptível o incremento da participação de instituições de pesquisa, que passaram a estudar as espécies alvo e seus hábitats, assim como do número de estudos e publicações decorrentes desses estudos. Também se observou uma maior integração entre o ICMBio, por meio da ESEC Tupinambás, ARIE Ilhas da Queimada Pequena e Queimada Grande e do RAN, e os pesquisadores do Instituo Butantan, Vital Brazil, Zoológico de São Paulo, UNICSUL, UNIFESP, FMVZ/USP, CEVAP/UNESP, Projeto Dacnis, CEAM Galápagos e Marinha do Brasil.

O PAN também estimulou a criação de normativas e procedimentos que auxiliarão a gestão das unidades de conservação envolvidas e apoiou questões institucionais e estruturais importantes para essas unidades de conservação, voltadas para o desenvolvimento de monitoramento e pesquisa nas ilhas.

Embora o referido plano tenha fechado seu ciclo, as espécies e os ambientes em questão não ficarão desamparados, pois foi aprovado neste ano (Portaria/ICMBio nº 48, de 06/10/2015), o Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica da Região Sudeste do Brasil – PAN Herpetofauna do Sudeste, já tendo como espécies alvo as do PAN em questão e outras já descritas, endêmicas de ilhas da região sudeste do país e que estão na atual lista da fauna brasileira ameaçada de extinção (Portaria MMA nº 444/14). Sendo assim, muitas ações do PAN Herpetofauna insular serão recepcionadas pelo novo PAN. *Editora: YB.*



Participantes da 1ª Monitoria anual, junho de 2011 em Curitiba (A); da 2ª Monitoria anual, junho de 2013, na Acadebio, Iperó-SP (B); da 3ª Monitoria anual, junho de 2014, na Acadebio, Iperó-SP (C); e participantes da última monitoria anual e da Avaliação Final do PAN Herpetofauna insular, na ACADEBIO, em agosto de 2015 (D).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Mestrado – 2015

Data da Defesa/Aprovação: 26 de agosto de 2015
Programa de Pós-Graduação: Zoologia
Nome: Francis Luiz Santos Caldas
Título: Estrutura de Comunidade de Anuros de Caatinga e Floresta Atlântica no Nordeste Brasileiro
Orientador/Co-orientador: Daniel Oliveira Mesquita

Data da Defesa/Aprovação: 26 de agosto de 2015
Programa de Pós-Graduação: Zoologia
Nome: Guilherme Souza de Lima
Título: Filogeografia mitocondrial de *Tropidurus hispidus* na Caatinga
Orientador/Co-orientador: Daniel Oliveira Mesquita

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

Mestrado – 2015

Data da Defesa/Aprovação: 30 de setembro de 2015
Programa de Pós-Graduação: Evolução e Diversidade,
Nome: Antonio Mollo Neto
Título: Variação geográfica de Itapotihyla langsdorffii (Duméril & Bibron, 1841) (Anura: Hylidae): abordagens morfológica e molecular
Orientador/Co-orientador: Vanessa Kruth Verdade/Márcia Aparecida Sperança

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

Mestrado – 2015

Data da Defesa/Aprovação: 23 de novembro de 2015
Programa de Pós-Graduação: Diversidade Biológica
Nome: Rebeca Mc Comb Pinto
Título: História natural de *Leptodactylus knudseni* Heyer, 1972 (Anura, Leptodactylidae) com a redescrição do girino na Amazônia Central
Orientador/Co-orientador: Marcelo Menin



Aplastodiscus cochranae, Treviso, SC. Foto: Magno Segalla.







Calendário SBH 2016 – Anfíbios e Répteis do Brasil. Compre o seu, informações no site www.sbherpetologia.org.br.

Brandt, R.; Galvani, F.; Kohlsdorf, T. 2015. Sprint performance of a generalist lizard running on different substrates: grip matters. *Journal of Zoology,* 297(1): 15-21.

A relação entre desempenho locomotor e as principais características estruturais do ambiente, tais como inclinação e diâmetro do substrato, têm sido consistentemente identificadas em vários grupos de vertebrados. Entretanto, os efeitos da variação em características como textura e complexidade estrutural permanecem negligenciados, e permanecem pouco exploradas as associações entre velocidade de corrida atingida durante locomoção sustentada e a forma como os animais se aderem à superfície. Nesse estudo, os autores usaram um lagarto de generalista em habitat, *Tropidurus torquatus,* para testar a hipótese de que os animais correm mais rapidamente nos substratos em que o desempenho de adesão é mais alto. Foram colocados 18 indivíduos para correr em sete diferentes substratos (madeira, areia fina e grossa, cascalho grosso, rochas, serrapilheira e grama) e registradas suas velocidades máximas, usando câmeras de alta velocidade. As superfícies foram caracterizadas para variação em altura e aderência, sendo esta última dada pelo desempenho médio de lagartos de diferentes tamanhos em agarrar-se. As velocidades máximas de corrida foram mais altas em rocha e grama e mais baixas em areia fina e grossa, e a variação de desempenho em diferentes substratos foi explicada pela aderência: substratos em que os lagartos se aderiram mais fortemente são aqueles em que a velocidade máxima de corrida foi mais alta. Este é o primeiro estudo que traz evidência de variação de velocidade máxima de corrida atingida por um lagarto generalista em diferentes substratos, e demonstra que a fricção resultante da interação entre o lagarto e o substrato pode ser criticamente importante para a velocidade de corrida. *Editor: F. R. Gomes*

Titon, B., Jr., Gomes, F.R. 2015. Relation between water balance and climatic variables associated with geographical distribution of anurans. PLoS One DOI: 10.1371/journal.pone.01407661

A riqueza de espécies de anfíbios aumenta em direção ao equador, particularmente em florestas tropicais úmidas. Esta relação entre riqueza de espécies de anfíbios e a disponibilidade de água no ambiente tem sido interpretada como uma consequência de suas altas taxas de perda de água por evaporação. Desta forma, espera-se que características associadas ao balanço hídrico covariem com o clima e restrinjam a distribuição geográfica das espécies. Além disso, espécies de anuros que coexistem deveriam apresentar características que estejam adaptadas às condições hídricas locais. Os autores compararam características que descrevem o balanço hídrico em 17 espécies de anuros que ocorrem em habitats de Floresta Atlântica mésica e no Cerrado xérico (savana) no Brasil. A predição dos autores é que espécies encontradas em áreas mais quentes e secas apresentariam menor sensibilidade do desempenho locomotor à desidratação (SDLD), maior resistência à perda de água por evaporação (RPAE) e maiores taxas de captação de água (TCA), que espécies restritas a áreas mais mésicas. Foram estimadas as relações alométricas entre as características do balanço hídrico e a massa corpórea usando quadrados mínimos generalizados filogenéticos. Estas regressões mostraram que a RPAE escala negativamente com a massa corpórea, enquanto a TCA escala positivamente com a massa corpórea. Adicionalmente, espécies que habitam áreas caracterizadas por temperaturas mais altas e sazonalmente mais uniformes, e precipitação menor e mais sazonalmente concentrada, como o Cerrado, apresentam TCA e SDLD mais altas que espécies cuja distribuição geográfica encontra-se mais restrita a ambientes mésicos, como a Floresta Atlântica. Estes resultados corroboram a hipótese de que a variação interespecífica em variáveis fisiológicas mostra um padrão de adaptação a características ambientais abióticas. *Editor: F. R. Gomes*

Assis, V.R., Titon, S.C.M.; Barsotti, A.M.G.; Titon, B., Jr.; Gomes, F.R. 2015. Effects of acute captivity stress and transdermal corticosterone application on immunocompetence and plasma levels of corticosterone on the Cururu Toad (*Rhinella icterica*). PLoS One DOI: 10.1371/journal.pone.0121005

Os esteroides glicocorticoides modulam a imunocompetência de maneira complexa, apresentando efeitos tanto imunoestimuladores quanto imunossupressores em vertebrados expostos a diferentes estressores. Esses efeitos bimodais têm sido associados à variação em duração e intensidade da resposta de estresse. Dado que populações naturais têm sido expostas a múltiplos estressores, um melhor entendimento das associações funcionais entre duração e intensidade da resposta de estresse, as alterações resultantes dos níveis plasmáticos de glicocorticoides, e seu impacto em aspectos da imunocompetência, emerge como um pilar das estratégias de conservação de vertebrados. Os autores investigaram os efeitos de desafio de contenção (com e sem restrição de movimentos), manutenção prolongada em cativeiro e aplicação transdérmica de corticosterona nos níveis plasmáticos de corticosterona (CORT) e diferentes parâmetros da imunocompetência inata em machos de sapos cururu (*Rhinella icterica*). Nós mostramos que a contenção sem restrição de movimentos de *R. icterica* por 24 horas mostrou-se uma condição estressora, aumentando CORT em três vezes, sem alterações consistentes dos aspectos imunitários. Entretanto, a aplicação de um estressor mais intenso (contenção com restrição de movimentos) pelo mesmo período, potencializou a resposta, resultando em um aumento de nove vezes em CORT, associada a um aumento da relação entre neutrófilos/linfócitos e uma menor capacidade bactericida plasmática (CBP). A aplicação transdérmica de corticosterona mimetizou efetivamente eventos repetidos de estresse agudo, sem alterar parâmetros imunitários mesmo depois de 13 dias de tratamento. A manutenção prolongada em cativeiro não mitigou a resposta de estresse, dado que os sapos mantiveram CORT três vezes mais elevados mesmo após três meses nestas condições. Além disso, a manutenção prolongada em cativeiro

aumentou a contagem total de leucócitos (CTL) e gerou uma redução ainda maior da CBP, sugerindo que as consequências da resposta de estresse podem ser agravadas pelo tempo em cativeiro. *Editor: F. R. Gomes*

Noronha-de-Souza, C.R.; Bovo, R.P.; Gargaglioni, L.H., Andrade, D.V.; Bícego K.C. 2015. Thermal biology of the toad *Rhinella schneideri* in a seminatural environment on southeastern Brazil. Temperature DOI: 10.1080/23328940.2015.1096437

O sapo *Rhinella schneideri* possui grande porte, com ampla distribuição na América do Sul. Sabe-se que está ativo à noite, durante os meses quentes/chuvosos, e que entra em estivação durante os meses secos/frios; entretanto, não há dados sobre o intervalo de temperaturas corpóreas (T_b) experimentado por estes sapos em campo, ou sobre como fatores ambientais, comportamentos termorregulatórios ou atividade os influenciam. Através do uso de implantes de registradores de temperatura, os autores examinaram a variação em T_b durante um ano em um cercado semi-natural (simulando seu habitat natural) monitorado com termo-sensores. Os autores também usaram dados de T_b preferencial, que permitiram expressar quantitativamente a eficiência de termorregulação. Paralelamente ao ciclo de atividade, *R. schneideri* exibiu diferenças em seu padrão diário e sazonal de variação de T_b. Durante a estação de atividade, os sapos permaneceram em abrigos durante as horas de dia e, desta forma, não exploraram microhabitats com alta qualidade térmica, como áreas abertas ao sol. À noite, a adequação térmica de microhabitats mudou, dado que microhabitats expostos experimentaram uma maior queda de temperatura que os abrigos mais termicamente isolados. Como os sapos tornavam-se ativos à noite, eles se dirigiram às áreas mais expostas e, como resultado, a eficiência de termorregulação diminuiu. Os resultados obtidos indicam que, durante a estação de atividade, pode surgir um compromisso entre termorregulação e atividade noturna. Durante o período de estivação, *R. schneideri* mantém-se abrigado ao longo de todo o ciclo diário. Dado que os sapos não se realizam em atividade noturna em áreas com baixa qualidade térmica, a eficiência geral de termorregulação foi, de fato, elevada. Em conclusão, os autores mostraram que a variação diária e sazonal em T_b de espécies de anuros é altamente associada aos respectivos padrões de atividade e pode envolver importantes compromissos fisiológicos e ecológicos. *Editor: F. R. Gomes*

Mello P. L. H., Machado R. B., Nogueira C. C. 2015. Conserving biogeography: Habitat loss and vicariant patterns in endemic Squamates of the Cerrado Hotspot. PLoS ONE 10(8): e0133995. DOI: 10.1371/journal.pone.0133995

O Cerrado, a única savana considerada *hotspot* global de biodiversidade, é rico em serpentes e lagartos endêmicos, intimamente associados a microhabitats característicos das fitofisionomias que compõem o bioma. No entanto, não se sabe como a expressiva perda de cobertura vegetal observada no Cerrado afeta a conservação de sua fauna de Squamata, especialmente considerando que a perda de hábitat possui um claro eixo de desenvolvimento sul-norte (i.e., um padrão não aleatório de remoção de habitats), afetando especialmente as formações abertas sobre relevo plano nas porções meridionais do bioma. Além disso, com as recentes mudanças na legislação, mais áreas serão perdidas em um futuro próximo. Para isso, os autores atualizaram a ocorrência de 49 espécies de lagartos e serpentes endêmicas do Cerrado e buscaram responder se a distribuição das áreas protegidas e da perda de hábitat apresentam um padrão aleatório e qual a o efeito desta perda de hábitat e da distribuição atual das áreas protegidas. Essa informação é útil na escolha de áreas prioritárias para conservação. Os autores abordaram essas questões por meio da geração de um mapa de áreas prioritárias para a conservação desses organismos no bioma, baseado nos padrões biogeográficos do Cerrado e na Extensão de Ocorrência das diferentes espécies endêmicas, utilizando o software *Zonation*. Os elementos bióticos baseados nessas espécies apresentaram diferenças na proporção de perda de hábitat, sendo que os elementos bióticos localizados nas porções mais meridionais do bioma apresentaram maior perda de hábitat. De forma geral, as unidades de conservação não garantem a conservação das espécies endêmicas, especialmente ao sul do bioma. Muitos dos elementos bióticos identificados só possuem remanescentes hoje graças à presença de áreas protegidas nestes locais. Sem essas unidades de conservação, possivelmente já não existiriam hoje remanescentes importantes na porção sul/sudoeste do Cerrado. Por outro lado, o fato de diversas regiões biogeográficas relevantes para a conservação do Cerrado não apresentarem uma rede eficiente de áreas protegidas, sugere que a criação de áreas protegidas no Cerrado acompanhou a oferta e disponibilidade de terras, não seguindo diretamente nenhum planejamento sistemático para a conservação baseado em dados biológicos e na importância biogeográfica das áreas. Os autores sugerem que novas unidades de conservação sejam incentivadas na região da Chapada dos Guimarães e da Serra da Bodoquena, utilizando abordagens sistemáticas e que outros remanescentes localizados na porção sul do Cerrado sejam manejados e protegidos eficientemente, visando conservar a história biogeográfica e a informação evolutiva da savana mais rica e ameaçada do planeta. *Editor: R. Brandão.*

Pereira, E. B.; Collevatti, R. G.; Kokobum, M. N. C.; Miranda, N. E. O. & Maciel, N. M. 2015. Ancestral reconstruction of reproductive traits shows no tendency toward terrestriality in leptodactyline frogs. *BMC Evolutionary Biology* (2015), 15:91. DOI 10.1186/s12862-015-0365-6

A existência de diferentes graus de dependência de água para reprodução, ordenadas em um processo evolutivo gradual em direção à terrestrialidade, tem sido a hipótese dominante para explicar a evolução de modos reprodutivos. Os atores testaram essa hipótese em Leptodactylinae, especialmente devido

à expressiva diversidade de modos reprodutivos no clado. Embora a mudanças de modos reprodutivos aquáticos em grupos basais para modos reprodutivos terrestres em linhagens derivadas tenham sido observadas, elas ocorreram com quase a mesma frequência da mudança de modos reprodutivos mais terrestres para aqueles mais aquáticos. Além disso, modos reprodutivos com girinos semi-terrestres não representaram necessariamente estados intermediários em um processo evolutivo gradual em direção à independência da água, como previamente sugerido. O modo reprodutivo e certas características de história de vida destes organismos, como a pigmentação de ovos, o tamanho de ninhada e a presença de calos sexuais, variam de acordo com o grau de dependência da água para a reprodução. *Editor: R. Brandão.*

Cortés-Gomez, A.M.; Ruiz-Agudelo, C.A.; Valencia-Aguilar, A.; Ladle, R.J. 2015. Funções ecológicas de anfíbios e répteis neotropicais: uma revisão. *Universitas Scientiarum* Vol. 20 (2): 229-245.

Os anfíbios e répteis são dois dos grupos de vertebrados mais abundantes e diversos nos ecossistemas neotropicais. No entanto, pouco se sabe sobre o seu papel na manutenção e regulação das funções ecológicas e sua contribuição para os ecossistemas. A rápida e crescente redução da riqueza de espécies requer esforços urgentes para compreender o papel ecológico destes grupos nos ecossistemas. Os autores deste estudo avaliaram as funções ecológicas dos anfíbios e répteis neotropicais, utilizando diferentes fontes. Foram incluídos estudos de quatro décadas (1970-2014), totalizando 167 publicações, com informações de mais de 100 espécies. Foram consideradas informações sobre: 1) ciclo de nutrientes; 2) bioturbação; 3) polinização; 4) dispersão de sementes; e 5) fluxo de energia através dos ecossistemas. Os autores enfatizam a necessidade de desenvolver estudos para ampliar o conhecimento das funções ecológicas nos ecossistemas neotropicais e os mecanismos envolvidos nestes processos. Muitas destas funções estão relacionadas com os principais serviços para o bem-estar humano como o controle biológico de espécies de pragas, dispersão de sementes e qualidade da água. O conhecimento e compreensão das funções que estes grupos desempenham nos ecossistemas, permitirão planos de gestão nas paisagens culturais, projetos de restauração ou recuperação de paisagens que envolvem sistemas aquáticos e terrestres, além do desenvolvimento de planos abrangentes e detalhados de conservação de espécies e ecossistemas. *Editora: M. E. Oliveira.*

Silva, K.B., Zogno, M.A., Camillo, A.B., Pereira, R.J.G., Almeida-Santos, S.M. 2015. Annual changes in seminal variables of golden lanchead pitvipers (*Bothrops insularis*) maintained in captivity. *Animal Reproduction Science*.

Um grupo de pesquisadores vem desenvolvendo um programa de reprodução assistida em cativeiro com *Bothrops insularis,* uma serpente endêmica e criticamente ameaçada, com uma população estimada de 2.000 indivíduos restritos à Ilha Queimada Grande, no sudeste do Brasil. O sêmen de dezoito machos variando de 43,5 a 73,7 centímetros, foi amostrado trimestralmente entre agosto de 2012 e maio de 2013, para determinar possíveis diferenças sazonais, bem como correlacionar ao tamanho e massa corporal. A análise macroscópica revelou volumes de sêmen que variaram de 0,5-6,0 mL. Espermatozóides viáveis foram obtidos de todos os machos, indicando que os indivíduos com tamanho rostro-cloacal igual ou superior a 43,5 cm são sexualmente desenvolvidos. No entanto, machos adultos e imaturos apresentaram diferentes perfis sazonais para motilidade do esperma e motilidade progressiva. Os machos adultos tiveram uma diminuição na mobilidade do esperma e motilidade progressiva durante o verão e primavera, respectivamente, enquanto que as mesmas variáveis não variaram ao longo do ano em indivíduos imaturos. A concentração de espermatozóides em todos os indivíduos foi menor durante o inverno, mas não foram detectadas flutuações sazonais no volume de sêmen. Estes resultados são importantes para o desenvolvimento de mecanismos de reprodução, tais como a seleção masculina, inseminação artificial e congelamento de esperma para a gestão genética dessa serpente criticamente ameaçada. *Editora: M. E. Oliveira.*

Mesquita, D. O.; Colli, G. R.; Pantoja, D. L.; Shepard, D. B.; Vieira, G. H. C.; Vitt, L. J. 2005. Juxtaposition and Disturbance: Disentangling the Determinants of Lizard Community Structure. *Biotropica,* 47(5): 595-605.

Os autores verificaram o papel de uma perturbação (enchentes sazonais) sobre a estrutura de comunidades de lagartos em dois hábitats adjacentes, uma floresta sazonalmente inundável e uma não inundável, em uma região de transição Amazônia-Cerrado. Apesar da aparente importância de cheias sazonais na estrutura física do ambiente, as duas florestas foram diferentes apenas na menor abundância de cupinzeiros na mata alagável. Por outro lado, a frequência de capturas de *Colobosaura modesta, Mabuya frenata* e *Anolis brasiliensis* foi diferente entre os habitats. *Colobosaura modesta,* uma espécie exclusivamente terrestre, ocorreu na floresta não inundável (o ambiente mais rico), enquanto *Anolis brasilientes,* um lagarto escansorial, foi mais capturado na mata alagada (o ambiente mais depauperado). Por outro lado, uma análise de espécies indicadoras selecionou *Mabuya frenata* como indicadora de mata alagada e *Colobosaura modesta* como indicadora de mata não alagável. A ocorrência de inundações sazonais, cobertura vegetal e presença de troncos caídos foram as características dos hábitats que melhor predisseram a abundância das espécies. Nenhuma das comunidades apresentou estrutura filogenética, o que é esperado em comunidades onde perturbações são frequentes. Inundações sazonais afetam fortemente a riqueza de espécies e a composição das comunidades, mas não a estrutura filogenética (os dois ambientes foram convergentes). Regiões de ecótono, como a transição Cerrado-Amazônia, experimentam profundas

mudanças relacionadas às mudanças climáticas e, embora sejam mais depauperadas que áreas no centro do Cerrado ou da Amazônia, apresentam organismos que suportam perturbações frequentes e pronunciados e que poderiam persistir em paisagens modificadas pela atividade humana ou por mudanças climáticas. *Editores: R. Brandão e M. E. Oliveira*.

Feldman, A., Bauer, A. M., Castro-Herrera, F., Chirio L., Das, I., Doan, T. M., Maza, E., Meirte D., Nogueira, C. C., Nagy, Z. T., Torres-Carvajal, O., Uetz, P., Meiri, S. 2015. The geography of snake reproductive mode: a global analysis of the evolution of snake viviparity. *Global Ecology and Biogeography*. Vol. 24 (12): 1433-1442.

Embora a maioria das espécies de répteis seja ovípara, a viviparidade é um modo de reprodução comum e evoluiu várias vezes em diferentes linhagens dentro dos Squamata. Duas hipóteses relativas à biogeografia de modos reprodutivos de répteis foram testadas para avaliar as forças seletivas que conduzem a evolução da viviparidade em serpentes. Uma das hipóteses postula que viviparidade é selecionada em zonas de clima frio, enquanto que a hipótese de previsibilidade climática prediz que a viviparidade oferece mais vantagens em áreas de climas sazonais. A partir de mapas de distribuição associados a dados de modos reprodutivos, 2.663 espécies de serpentes terrestres foram analisadas, numa escala global e continental sob uma abordagem evolutiva, em nível de espécies e de comunidades. Embora as serpentes vivíparas não sejam restritas a ambientes de temperatura mais baixa, os resultados indicam que a viviparidade é uma adaptação a ambientes frios, mas não necessariamente a ambientes com climas sazonais. Os autores defendem que a distribuição atual das espécies não reflete o clima e o local de especiação. Assim, serpentes vivíparas de clima quente seriam membros de linhagens que tiveram origem em regiões mais frias, e sua ocorrência em outros ambientes seria resultado de conservação filogenética. *Editora: M. E. Oliveira*.



Rhaebo guttatus, Gaúcha do Norte, MT. Foto: Reuber Brandão.

Répteis brasileiros: Lista de espécies 2015

Henrique Caldeira Costa[1], Renato Silveira Bérnils[2]

1 Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Zoologia, Laboratório de Herpetologia. Avenida Presidente Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG. Brazil. E-mail: ccostah@gmail.com

2 Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas. Rodovia BR-101, km 60, Bairro Litorâneo, CEP 29932-540, São Mateus, ES, Brazil. E-mail: renatobernils@gmail.com

As listas de espécies, a despeito de seu caráter básico de compilação, trazem informações importantes para pesquisa, legislação e demais atividades ligadas à biodiversidade (Hamer *et al.* 2012). No caso do Brasil, considerado detentor de uma das maiores biodiversidades mundiais, a organização de listas de espécies se torna ainda mais importante e desafiadora.

Os primeiros trabalhos sobre a biodiversidade do Brasil, incluindo répteis, foram conduzidos por Georg Marggraf no século XVII e Alexandre Rodrigues Ferreira no século XVIII, mas foi a abertura dos portos, no século XIX, com a consequente vinda de naturalistas estrangeiros, que alavancou o conhecimento sobre a biota brasileira (Vanzolini 1996). Ao longo dos anos, compilações de répteis de determinadas regiões do Brasil foram esporadicamente publicadas com base em fontes que variaram de espécimes-testemunho em coleções a observações pessoais e literatura disponível (e.g. Lima-Verde e Cascon 1990 [CE]; Lema 1994; 2002 [RS]; Rocha *et al.* 2004 [RJ]; Moura 2011 [PE]; Zaher 2011 [SP]). Há também listas parciais, seja porque a região geográfica não foi abordada por completo, como nos estudos clássicos de Cunha e Nascimento (1978, 1993) para a porção leste do Pará, seja porque apenas determinados grupos foram inventariados (e.g. Avila-Pires 1995; Hamdan e Lira-da-Silva 2012; Bernarde *et al.* 2012; Silva *et al.* 2012). Até o ano de 2005, porém, não havia uma compilação que abrangesse os répteis de todo o território nacional, quando a Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH) publicou em sua página na internet a primeira versão da Lista de Répteis do Brasil (SBH 2005) – a "Lista", daqui em diante.

Elaborada por Renato S. Bérnils após extensa pesquisa bibliográfica e consulta a mais de 100 outros herpetólogos (dos quais cerca de metade deu retorno e colaborou de alguma forma), a primeira versão da Lista apresentava 633 espécies de répteis consideradas nativas do Brasil (no sentido de Moro *et al.* 2012): 35 Testudines, seis Crocodylia, e 591 Squamata (57 anfisbenas, 217 "lagartos" e 318 serpentes). A partir de então houve atualizações anuais – quadrimestrais em 2007 e semestrais entre 2009 e 2012 – exceto em 2013. Em pouco tempo, a Lista se tornou uma referência utilizada por herpetólogos e órgãos ambientais, sendo citada principalmente em inventários e estudos de impacto ambiental.

Hoje, dez anos após a publicação da primeira versão da Lista (SBH 2005), a fauna reptiliana brasileira sofreu um acréscimo de 140 espécies (22%), resultado da descrição de novos táxons e revalidação de outros, especialmente dentro de Squamata. Com relação ao último ano (Costa e Bérnils 2014), o aumento foi de 13 espécies e 11 táxons (espécies+subespécies) (algumas subespécies foram elevadas a espécies plenas). Atualmente o país conta com 773 espécies de répteis, sendo 36 Testudines, 6 Crocodylia, e 731 Squamata (73 anfisbenas, 266 "lagartos" e 392 serpentes). Esses dados colocam o Brasil como o país detentor da 3ª maior riqueza de espécies de répteis do mundo, atrás da Austrália (1022) e do México (913) (Uetz e Hošek 2015).

Nos últimos anos, mais de uma dezena de espécies de répteis alóctones foi registrada em ambientes naturais do Brasil (e.g. Eterovic e Duarte 2002; Ferronato *et al.* 2009; Fonseca *et al.* 2014; Hoogmoed e Avila-Pires 2015; Rocha Junior *et al.* 2015). A presente Lista, contudo, não inclui espécies exóticas à exceção de *Hemidactylus mabouia,* aparentemente trazida para a América do Sul durante a colonização e já há muito naturalizada (Carranza e Arnold 2006).

NOTAS NOMENCLATURAIS

Apesar do prestígio que a Lista ganhou ao longo dos anos, lembramos ao leitor que a nomenclatura aqui apresentada não é "a correta". Afinal, as propostas taxonômicas são hipóteses, inexistindo classificações "certas" ou "erradas" (Crother 2009; Hamer *et al.* 2012), mas apenas aquelas mais aceitas em determinado momento e/ou por um agrupamento específico de pessoas. É importante deixar claro que a nomenclatura seguida na Lista não reflete a opinião da SBH ou de seus membros – muitos dos quais, na verdade, possuem visões distintas, até opostas e conflitantes. A adoção de listas ditas oficiais, especialmente em tempos de grandes controvérsias sobre o *status* de diversas categorias supra-específicas, pode gerar atritos e desgastes desnecessários, como as contendas ocorridas recentemente entre herpetólogos norte-americanos (ver Pauly *et al.* 2009; Crother 2009; Frost *et al.* 2009). Portanto, a Lista antes divulgada na página da SBH e, desde 2014, publicada neste veículo de comunicação da mesma Sociedade, representa apenas um esforço de *checklist* de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Nós evitamos fazer julgamentos sobre os resultados taxonômicos das publicações aqui incorporadas. De maneira geral, adotamos as mudanças mais recentes publicadas em veículos adequados, mesmo quando temos posições discordantes das propostas. Assim, as alterações reproduzidas de forma acrítica na Lista são mantidas até que novas publicações apresentem argumentos que venham a rechaçá-las. Por conta disso, ficamos

ao sabor das propostas lançadas continuamente na literatura especializada, o que nos dá trabalho constante e gera indignação nos leitores menos afeitos às instabilidades da taxonomia. Apenas em casos muito pontuais nós optamos por manter arranjos taxonômicos existentes em detrimento de novas propostas.

Tendo em mente que grande parte dos leitores da Lista é composta por não taxonomistas ou por iniciantes, consideramos fundamental esclarecer por meio de notas textuais toda e qualquer mudança de nomenclatura adotada, e reiteramos que os nomes aqui apresentados seguem critérios pessoais dos autores da Lista, conforme acima exposto. Na última edição da Lista (Costa e Bérnils 2014) não apresentamos notas sobre as mudanças realizadas após Bérnils e Costa (2012b). Desta forma, as notas abaixo se referem às alterações ocorridas após 2012 e não apenas às posteriores a 2014.

Testudines

O arranjo nomenclatural dos grupos de quelônios segue a proposta mais recente de Turtle Taxonomy Working Group (TTWG 2014).

Cryptodira. Embora esteja impresso o ano de 1868, a descrição deste táxon foi publicada em 06 de fevereiro de 1869 (Osborn 1929).

Chelonioidea. A autoria deste táxon vinha sendo atribuída a Baur (1893), seguindo TTWG (2012). Porém, a nova edição do *checklist* de quelônios mundiais (TTWG 2014) corrige para Oppel (1811) a autoria de Chelonioidea.

***Eretmochelys*.** Este gênero deve ser incluído em Carettinae e não em Cheloniinae (TTWG 2014).

***Dermochelys coriacea*.** A autoria de *Testudo coriacea* deve ser atribuída a Vandelli (1761) e não a Linnaeus (1766) (Bour e Dubois 1983), como vinha sendo apresentado antes de Costa e Bérnils (2014).

Rhinoclemmydinae. A autoria deste táxon vinha sendo atribuída a Le e McCord (2008), seguindo TTWG (2012). Porém, a nova edição do *checklist* de quelônios mundiais (TTWG 2014) corrige para Gray (1873) a autoria de Rhinoclemmydinae.

***Chelonoidis*.** Segundo Olson e David (2014) o gênero *Chelonoidis* é masculino, rendendo as combinações *C. carbonarius* e *C. denticulatus.*

***Chelus fimbriata*.** Usamos aqui a combinação *Chelus fimbriata* ao invés de *Chelus fimbriatus,* uma vez que, *chelus* é feminino (Cadena *et al.* 2008).

***Mesoclemmys raniceps*.** Embora esteja impresso o ano de 1855, a descrição de *Hydraspis raniceps* foi publicada em 1856 (TTWG 2012).

***Hydromedusa tectifera*.** Embora esteja impresso o ano de 1869, a descrição de *H. tectifera* foi publicada em 18 de fevereiro de 1870 (Osborn 1929).

Podocnemididae. Embora esteja impresso o ano de 1868, a descrição deste táxon foi publicada em 06 de fevereiro de 1869 (Osborn 1929).

Crocodylia

***Caiman latirostris* e *Caiman yacare*.** O ano de publicação do Volume 2 do *Histoire Naturelle Générale et Particulière des Reptiles* de Daudin, onde estes táxons foram originalmente descritos, é 1801, não 1802 (Vanzolini 1977).

Squamata

"Lagartos"

***Coleodactylus septentrionalis*.** Erroneamente, vínhamos citando a autoria desta espécie entre parênteses. Uma vez que o nome atualmente em uso é o mesmo do originalmente descrito, o correto é *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980.

***Norops bombiceps*.** A descrição deste táxon foi publicada em 26 de novembro de 1875, não em 1876 (Osborn 1929).

***Tropidurus guarani*.** O ano correto da publicação da descrição desta espécie é 1994, não 1993, como erroneamente divulgamos nas edições anteriores a Costa e Bérnils (2014).

***Uracentron azureum guentheri*.** O volume de 1894 do *Proceedings of the Zoological Society of London,* onde a descrição deste táxon foi apresentada, foi publicado em abril de 1895 (Aaron Bauer, *com. pess.*).

Anguidae. Seguimos Pyron *et al.* (2013) ao reconhecer Diploglossinae como subfamília de Anguidae, e não como uma família própria, como proposto por Vidal e Hedges (2009) e seguido por Bérnils e Costa (2012a, b).

Lacertiformes. Pyron *et al.* (2013) definem como Lacertoidea o clado formado por (Teiidae + Gymnophthalmidae) + (Amphisbaenia + Lacertidae). O clado formado por Teiidae + Gymnophthalmidae (não nomeado por Pyron *et al.* 2013) é usualmente definido como Teiioidea (às vezes grafado Teioidea; e.g. Conrad 2008). Contudo, Lacertoidea e Teiioidea possuem sufixo de superfamília (-oidea), e consideramos que o uso de ambos em um mesmo arranjo nomenclatural (feito originalmente por Estes *et al.* 1988) deve ser evitado. Assim, preferimos aqui adotar o nome Lacertiformes para o clado definido como Lacertoidea por Pyron *et al.* (2013) e Teiioidea para o clado formado por Gymnophthalmidae + Teiidae.

Gymnophthalmidae, Gymnophthalminae e Gymnophthalmini. A autoria desses táxons deve ser atribuída a Fizinger (1826), não Merrem (1820) (Costa *et al. submetido*).

Chirocolini. De acordo com Colli *et al.* (2015), o nome correto para o táxon do grupo-família que inclui *Heteroladctylus* é Chirocolini Gray, 1838, o qual tem prioridade sobre Heterodactylini Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda e Sites, 2001.

***Colobodactylus taunayi*.** Erroneamente, vínhamos citando a autoria desta espécie entre parênteses. Contudo, uma vez que o nome atualmente em uso é o mesmo do originalmente descrito, o correto é *Colobodactylus taunayi* Amaral, 1933.

Iphisini. O nome correto desta tribo é Iphisini Gray, 1851, não Iphisiini Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade e Pellegrino, 2009 (Colli *et al.* 2015).

Bachiinae. Bachiini Castoe, Doan e Parkinson, 2004 foi reconhecida como Bachiinae por Pyron *et al.* (2013). Colli *et al.* (2015) justificam que esses nomes eram inválidos por não possuírem gênero-tipo designado. Bachiinae Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza e Rodrigues, 2015 passa a ser o nome correto para esse grupo, cujo gênero-tipo é *Bachia* Gray, 1845 (Colli *et al.* 2015).

***Cercosaura*.** Torres-Carvajal (2015) apresentou uma filogenia de *Cercosaura* baseada em dados moleculares. Dentre os resultados está o reconhecimento de *C. ocellata bassleri* como espécie plena (*C. o. petersi* não foi examinado). Os autores também encontraram grandes distâncias genéticas entre as subespécies de *C. schreibersii,* mas não tomaram decisões taxonômicas quanto a isso.

***Cercosaura argula* e *C. quadrilineata*.** O gênero *Cercosaura* foi descrito por Wagler (1830) para alocar uma única espécie, *C. ocellata*. O sufixo do nome específico (*-ata*) indica que o gênero *Cercosaura* é feminino. Desta forma, *C. argula* (Peters, 1863) e *C. quadrilineata* Boettger, 1876 são as combinações corretas, ao contrário de *C. argulus* Peters, 1863 e *C. quadrilineatus* (Boettger, 1876).

***Neusticurus ecpleopus*.** A descrição deste táxon data de 26 de novembro de 1875, não 1876 (Osborn 1929).

Ecpleopodinae. Colli *et al.* (2015) corrigem o nome e autoria do táxon para Ecpleopodinae Fitzinger, 1843.

***Ecpleopus gaudichaudii*.** Kunz *et al.* (2011) alegam que a grafia original do nome específico é *gaudichaudi*. Contudo, após revisar a descrição original (Duméril e Bibron 1839:436) constatamos que a grafia correta é *gaudichaudii*.

***Leposoma puk*.** A espécie foi descrita por Rodrigues, Dixo, Pavan e Verdade, 2002, e não apenas por Rodrigues, como vínhamos citando.

Teiidae. 1) A autoria de Teiidae deve ser atribuída a Gray (1827) e não Merrem (1820), como erroneamente divulgado antes de Costa e Bérnils (2014). **2)** Mantemos aqui a proposta nomenclatural de Harvey *et al.* (2012); contudo, é importante ressaltar a existência de uma atual instabilidade na nomenclatura de Teiidae, com alguns trabalhos concordando (*e.g.* Arias *et al.* 2014a, b) e outros discordando (Giugliano *et al.* 2013; Pyron *et al.* 2013; Oliveira *et al.* 2015) de tal proposta.

Teiinae e Tupinambinae. A autoria de Teiinae e Tupinambinae deve ser atribuída a Gray (1827) e Bonaparte (1831), não a Merrem (1820) e Daudin (1802) ou a Presch (1974) (Costa *et al. submetido*).

***Dracaena guianensis*.** O ano de publicação do Volume 2 do *Histoire Naturelle Générale et Particulière des Reptiles* de Daudin, onde este táxon foi originalmente descrito, é 1801, não 1802 (Vanzolini 1977).

***Kentropyx altamazonica*.** A descrição deste táxon foi publicada em 26 de novembro de 1875, não em 1876 (Osborn 1929).

***Kentropyx paulensis* e *Kentropyx viridistriga*.** Ambos os táxons foram originalmente descritos no gênero *Centropyx* Cuvier, 1829, sinônimo júnior de *Kentropyx* Spix, 1825. Portanto, inserimos agora a autoria das duas espécies entre parênteses.

Amphisbaenia

A sinonimização de todos os gêneros de Amphisbaenidae com ocorrência no Brasil com *Amphisbaena* (à exceção de *Mesobaena,* não examinado) fora proposta por Mott e Vieites (2009). Contudo, na descrição de *Leposternon maximus* (Ribeiro *et al.* 2012) os autores argumentam contra a proposta de Mott e Vieites (2009) e pela manutenção de *Leposternon*. A filogenia apresentada por Pyron *et al.* (2013) corrobora os aspectos gerais de Mott e Vieites (2009) e o uso de *Amphisbaena* para todos os Amphisbaenidae (novamente, *Mesobaena* não foi incluído nas análises). Frente à situação atual da taxonomia dos anfisbenídeos, três opções se mostram possíveis: a) manter a nomenclatura tradicional, com *Aulura, Amphisbaena, Anops, Bronia, Cercolophia, Leposternon* e *Mesobaena;* b) seguir Mott e Vieites (2009) e Pyron *et al.* (2013), incluindo todos os anfisbenídeos brasileiros (exceto *Mesobaena*) em *Amphisbaena;* c) manter apenas os gêneros *Amphisbaena* e *Leposternon,* como foi apresentado nas últimas versões da lista de répteis do Brasil (Bérnils e Costa 2012a, b; Costa e Bérnils 2014), embora esse seja um arranjo claramente artificial, uma vez que deixa *Amphisbaena* parafilético. Optamos aqui pela terceira opção simplesmente para evitar modificar novamente a nomenclatura dos Amphisbaenidae da lista de répteis brasileiros, o que poderia causar mais confusão para os não-taxonomistas que utilizam esta referência.

Amphisbaena darwinii. Embora o nome específico *darwini* tenha sido amplamente utilizado desde Gans (1966), a grafia original é *darwinii* (Duméril e Bibron 1839:490).

Serpentes

Scolecophidia. Estudos recentes (e.g. Pyron e Burbrink 2012; Wiens *et al.* 2012; Pyron *et al.* 2013) sugerem que Scolecophidia não é um grupo monofilético. Sua manutenção na Lista se dá basicamente por uma questão estética.

Typhlopidae. Hedges *et al.* (2014) propuseram mudanças na taxonomia de Typhlopidae, ampliada por Pyron e Wallach (2014). O gênero *Typhlops* ficou restrito às espécies do Caribe, enquanto que as espécies da América Central e América do Sul agora fazem parte do novo gênero *Amerotyphlops*.

Leptotyphlopidae. Embora esteja impresso o ano de 1891, a descrição deste táxon foi publicada em 1892 (McDiarmid *et al.* 1999).

***Phrynonax, Pseustes* e *Spilotes*.** Análises moleculares conduzidas por Jadin *et al.* (2013) resultaram em *Pseustes sulphureus* (espécie-tipo de *Pseustes*) aninhada em *Spilotes*. Para resolver a questão, os autores transferiram *P. sulphureus* para *Spilotes* e revalidaram o gênero *Phrynonax* Cope, 1862 como substituto de *Pseustes*. Os autores também reconhecem *Pseustes poecilonotus poecilonotus* e *P. P. polylepis* (agora *Phrynonax*) como espécies plenas.

Dipsadidae. O uso de Dipsadidae é considerado desnecessário por alguns (e.g. Pyron *et al.* 2011; Pyron *et al.* 2013) e reforçado por outros (e.g. Grazziotin *et al.* 2012). A versão 2011.1 da Lista (Bérnils e Costa 2011a) trazia Dipsadidae, enquanto a versão 2011.2 (Bérnils e Costa 2011b) voltou atrás seguindo Pyron *et al.* (2011). Por sua vez, em Bérnils e Costa (2012a, b), a Lista seguia a proposta de Grazziotin *et al.* (2012). Assim como em Costa e Bérnils (2014), na atual versão da Lista nós preferimos manter Colubridae e Dipsadidae, uma vez que seguir a proposta de Pyron *et al.* (2013) significaria alterar novamente a nomenclatura. Embora não utilizar Dipsadidae seja mais conivente com a nomenclatura "tradicional", temos ciência de que a discussão Dipsadidae-Colubridae está longe de um fim. Preferimos, portanto, manter a nomenclatura que vem sendo usada pela Lista nos últimos anos (i.e. Colubridae e Dipsadidae válidos), para evitar outra mudança que causaria mais confusão para os não-taxonomistas.

***Apostolepis polylepis*.** Embora esteja impresso o ano de 1921, a descrição deste táxon foi publicada em 1922 (Vanzolini 1977).

***Helicops carinicaudus*.** A descrição de *Coluber carinicaudus* foi publicada em Wied (1824), não Wied (1825) (Vanzolini e Myers 2015).

***Helicops gomesi*.** Embora esteja impresso o ano de 1921, a descrição deste táxon foi publicada em 1922 (Vanzolini 1977).

***Tropidodryas striaticeps*.** Embora esteja impresso o ano de 1869, a descrição de *Teleolepis striaticeps* foi publicada em 18 de fevereiro de 1870 (Osborn 1929).

***Erythrolamprus miliaris merremii*.** Com base na descrição de Wied (1821), a grafia original do nome é *merremii,* não *merremi*.

***Erythrolamprus p. poecilogyrus*.** A descrição de *Coluber poecilogyrus* foi publicada em Wied (1824), não Wied (1825) (Vanzolini e Myers 2015).

***Lygophis paucidens*.** Erroneamente, vínhamos citando a autoria desta espécie entre parênteses. Contudo, uma vez que o nome atualmente em uso é o mesmo do originalmente descrito, o correto é *Lygophis paucidens* Hoge, 1953.

Viperidae. Sobre o uso de Viperidae Oppel, 1811 ao invés de Viperidae Laurenti, 1768, veja McDiarmid *et al.* (1999).

***Bothrops*.** A nomenclatura de *Bothrops* (*sensu lato*) tem sido motivo de debates (veja nota em Costa e Bérnils 2012a). Seguimos aqui a proposta de Carrasco *et al.* (2012), mantendo a nomenclatura tradicional de *Bothrops sensu lato*.

***Bothrocophias microphthalmus*.** A descrição de *Bothrops microphthalmus* foi publicada em 26 de novembro de 1875, não em 1876 (Osborn 1929).

***Bothrops insularis*.** Embora esteja impresso o ano de 1921, a descrição de *Lachesis insularis* foi publicada em 1922 (Vanzolini 1977).

Táxons incluídos por Costa e Bérnils (2014)

***Ameiva jacuba*.** Descrito por Giugliano *et al.* (2013).

***Ameivula cipoensis*.** Descrito por Arias *et al.* (2014a).

***Ameivula pyrrhogularis*.** Descrito por Silva e Avila-Pires (2013).

***Ameivula xacriaba*.** Descrito por Arias *et al.* (2014b).

***Amphisbaena caiari*.** Descrito por Teixeira Jr. *et al.* (2014).

***Amphisbaena fuliginosa*.** Citado para o Brasil (como *A. f. fuliginosa*) por Chalkidis *et al.* (2002).

***Amphisbaena littoralis*.** Descrito por Roberto *et al.* (2014).

***Amphisbaena persephone*.** Descrito por Pinna *et al.* (2014).

***Amphisbaena varia*.** Citado para o Brasil (como *A. fuliginosa varia*) por Chalkidis (2000).

***Atractus spinalis*.** Descrito por Passos *et al.* (2013).

***Bachia geralista*.** Descrito por Teixeira Jr. *et al.* (2013a).

***Bachia scaea*.** Descrito por Teixeira Jr. *et al.* (2013b).

***Cercosaura ocellata petersi*.** Táxon ocorrente no sudeste e sul do Brasil, que tinha permanecido ausente da Lista por lapso dos autores.

***Chironius diamantina*.** Descrito por Fernandes e Hamdan (2014).

***Cnemidophorus gramivagus*.** Táxon ocorrente no Amazonas (e.g. Cole e Dessauer 1993), que tinha permanecido ausente da Lista por lapso dos autores.

***Dactyloa dissimilis*.** Citado para o Brasil por Freitas *et al.* (2013) e Melo-Sampaio *et al.* (2013).

***Erythrolamprus m. miliaris*.** Citado para o Amapá por Cunha e Nascimento (1993) e Pará por Santos-Jr. e Yuki (2002).

***Helicops apiaka*.** Descrito por Kawashita-Ribeiro *et al.* (2013).

***Leposoma sinepollex*.** Descrito por Rodrigues *et al.* (2013).

***Micrurus diana*.** Citado para o Brasil por Pires *et al.* (2013).

***Micrurus potyguara*.** Descrito por Pires *et al.* (2014).

***Sibynomorphus mikanii septentrionalis*.** Táxon ocorrente no Maranhão (Cunha *et al.* 1980), que havia permanecido ausente da Lista por lapso dos autores.

***Tropidurus callathelys*.** Citado para o Brasil por Morais *et al.* (2014).

***Tropidurus chromatops*.** Citado para o Brasil por Morais *et al.* (2014).

***Tropidurus catalanensis*.** Revalidado e citado para o Brasil por Kunz e Borges-Martins (2013).

***Tropidurus imbituba*.** Descrito por Kunz e Borges-Martins (2013).

***Vanzosaura multiscutata*.** Revalidado por Recoder *et al.* (2014).

***Vanzosaura savanicola*.** Descrito por Recoder *et al.* (2014).

***Varzea altamazonica*.** Citado para o Brasil (*Mabuya altamazonica*) por Miralles e Carranza (2010).

Táxons incluídos nesta edição

***Amphisbaena metallurga*.** Descrito por Costa *et al.* (2015).

***Apostolepis borelli*.** Revalidada por Martins e Lema (2015).

***Atractus occipitoalbus* (Jan, 1862).** Citado para o Brasil por Silva *et al.* (2005).

***Chironius brazili*.** Descrito por Hamdan e Fernandes (2015).

***Chironius maculoventris*.** Citado para o Brasil por Santos *et al.* (2015).

***Epictia australis* (Freiberg e Orejas-Miranda, 1968).** Este táxon fora excluído por Costa e Bérnils (2014). Posteriormente, observamos a existência de um registro por Lema e Fabián-Beurmann (1977) de um espécime procedente de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, depositado no Museo de Historia Natural de Montevideo (MHNM 1623). Até o fechamento desta edição (novembro de 2015) o referido espécime não havia sido encontrado para que pudesse ter sua identificação confirmada (Claudio Borteiro, *com. pess.*). Por se tratar de uma identificação feita há quase 40 anos, não descartamos que possa ter havido algum engano, mas preferimos manter *E. australis* na Lista até que haja indícios do contrário.

***Helicops yacu*.** Táxon ocorrente no Acre (Rossman e Abe 1979), que havia permanecido ausente da Lista por lapso dos autores.

***Micrurus tykuna*.** Descrito por Feitosa *et al.* (2015).

***Ophiodes fragilis*.** Por anos, *O. fragilis* esteve na sinonímia de *O. striatus*. Borges-Martins (1998), em sua tese de doutorado, apresentou argumentos a favor da revalidação de *O. fragilis,* mas os resultados nunca foram publicados por esse autor. Mesmo assim, alguns herpetólogos passaram a reconhecer *O. fragilis* em estudos de inventários (e.g. Zaher *et al.* 2011) e ecologia (e.g. Pizzatto 2005). Recentemente, *O. fragilis* foi identificada como espécie válida por dois estudos de cunho taxonômico (Cacciali e Scott 2012, 2015), o que nos levou a incluir o táxon na Lista.

***Rondonops biscutatus*.** Descrito por Colli *et al.* (2015).

***Rondonops xanthomystax*.** Descrito por Colli *et al.* (2015).

***Stenocercus albolineatus*.** Descrito por Teixeira Jr. *et al.* (2015).

***Xenodon pulcher*.** Citado para o Brasil por Cabral *et al.* (2015).

Táxons excluídos por Costa e Bérnils (2014) e nesta edição

***Ameivula pyrrhogularis* (Silva e Avila-Pires, 2013).** Considerado sinônimo júnior de *A. ocellifera* por Oliveira *et al.* (2015).

***Apostolepis dorbignyi* (Schlegel, 1837).** Ausência de registros confirmados no Brasil.

***Amphisbaena bolivica* Mertens, 1929.** Ausência de registros confirmados no Brasil.

***Coluber mentovarius* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854).** Originalmente citado para Rondônia por Bernarde e Abe (2006). Contudo, trata-se de um equívoco de identificação, sendo o espécime (atualmente depositado no Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, Paraná), na verdade, um exemplar de *Erythrolamprus miliaris amazonicus* (Julio Cesar de Moura-Leite, *com. pess.*).

***Dactyloa philopunctata* (Rodrigues, 1988).** Considerado sinônimo de *Dactyloa punctata* (Daudin, 1802) por Prates *et al.* (2014).

***Epictia diaplocia* (Orejas-Miranda, 1969).** Citado para Rondônia por Nascimento *et al.* (1988) e para o Amazonas por Martins e Oliveira (1998). *Epictia diaplocia* (= *Leptotyphlops diaplocius*) é uma espécie da costa do Peru e os espécimes brasileiros foram erroneamente identificados, tratando-se, provavelmente, de *E. tenella* (Marinus S. Hoogmoed *com. pess.*).

***Erythrolamprus longiventris* (Amaral, 1925).** Considerado sinônimo de *Erythrolamprus breviceps* (Cope, 1860) por Fernandes *et al.* (2002).

***Lepidoblepharis festae* Peracca, 1897.** Populações brasileiras anteriormente sob este nome pertencem a *L. heyerorum* Vanzolini, 1978 (Avila-Pires 1995).

***Leposoma parietale* (Cope, 1885).** Populações brasileiras anteriormente sob este nome pertencem a *L. osvaldoi* Avila-Pires, 1995 (Avila-Pires 1995).

***Neusticurus tatei* (Burt e Burt, 1931).** Ausência de registros confirmados no Brasil.

***Ophiodes vertebralis*.** O único registro desta espécie para o Brasil de que temos notícia é para o município de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul (Quintela *et al.* 2006). Contudo, um dos autores daquele estudo (Daniel Loebmann, *com. pess.*) informou que os *Ophiodes* de Rio Grande não pertencem ao táxon *O. vertebralis,* mas a uma provável espécie nova.

***Pliocercurs euryzonus euryzonus* Cope, 1862.** Ausência de registros confirmados no Brasil.

***Pseustes sexcarinatus* (Wagler *in* Spix, 1824).** O tipo de *Natrix sexcarinatus* (procedente do rio Amazonas, segundo a descrição original) aparentemente foi destruído durante bombardeios na Segunda Guerra Mundial (Hoogmoed e Gruber 1983). A validade do táxon é questionável, e as informações presentes na descrição de Wagler (1824) não permitem uma identificação segura, sendo possível até mesmo que *P. sexcarinatus* não seja um táxon válido (Marinus S. Hoogmoed, *com. pess.*). Dois estudos recentes citam a espécie para o Mato Grosso (Kawashita-Ribeiro *et al.* 2011) e o Pará (Maschio *et al.* 2012), mas em ambos os casos, problemas de identificação parecem estar envolvidos. O registro de *P. sexcarinatus* por Maschio *et al.* (2012) se baseou em espécime citado em relatório técnico, não sendo possível traçar onde o material teria sido depositado, ou mesmo se foi coletado (Gleomar Maschio, *com. pess.*). O material coletado por Kawashita-Ribeiro *et al.* (2011) foi depositado na UFMT, mas não conseguimos até o fechamento desta lista uma atualização da identificação dos espécimes. Considerando-se que a fonte comumente usada para identificação das espécies de *"Pseustes"* é a obra de Peters e Orejas-Miranda (1970), é possível que o(s) espécime(s) de *P. sexcarinatus* do Mato Grosso pertença(m) na verdade a *P. polylepis,* uma vez que os próprios Peters e Orejas-Miranda (1970:258) argumentam que sua chave pode não ser suficiente para distinguir os dois táxons. Tendo em vista a problemática em torno da identificação e validade de *P. sexcarinatus,* desde Costa e Bérnils (2014) preferimos manter a espécie fora da lista de répteis do Brasil.

REFERÊNCIAS

Arias, F., C.M. Carvalho, H. Zaher e M.T. Rodrigues. 2014a. A new species of *Ameivula* (Squamata: Teiidae) from Southern Espinhaço Mountain Range, Brazil. *Copeia* 2014:95-105.

Arias, F.J., M. Teixeira, R. Recoder, C.M. Carvalho, H. Zaher e M.T. Rodrigues. 2014b. Whiptail lizards in South America: a new *Ameivula* (Squamata, Teiidae) from Planalto dos Gerais, Eastern Brazilian Cerrado. *Amphibia-Reptilia* 35:227-242.

Avila-Pires, T.C.S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299:1-706.

Baur, G. 1893. Notes on the classification of the Cryptodira. *American Naturalist* 27:672-674.

Bernarde, P.S. e A.S. Abe. 2006. A snake community at Espigão do Oeste, Rondônia, Southwestern Amazon, Brazil. *South American Journal of Herpetology* 1(2):102-113.

Bernarde, P.S., S. Albuquerque, T.O. Barros e L.C.B. Turci. 2012. Serpentes do estado de Rondônia, Brasil. *Biota Neotropica* 12(3):154-182.

Bérnils, R.S. e H.C. Costa (Org.). 2011a. Brazilian reptiles: List of species. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 17 de novembro de 2015. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis13Outubro2011.pdf.

Bérnils, R.S. e H.C. Costa (Org.). 2011b. Brazilian reptiles – List of species. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 17 de novembro de 2015. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis14Dezembro2011.pdf.

Bérnils, R.S. e H.C. Costa (Org.). 2012a. Brazilian reptiles – List of species. Version 2012.1. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 17 de novembro de 2015. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis30Setembro2012-PORTUGUES.pdf.

Bérnils, R.S. e H.C. Costa (Org.). 2012b. Brazilian reptiles – List of species. Version 2012.2. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 13 de julho de 2014. www.sbherpetologia.org.br.

Bonaparte, C.L. 1831. *Saggio d'una Distribuzione Metodica degli Animali Vertebrati.* Antonio Boulzaler, Rome, 78 pp.

Borges-Martins, M. 1998. *Revisão taxonômica e sistemática filogenética do gênero* Ophiodes *Wagler, 1828 (Sauria, Anguidae, Diploglossinae).* Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 239 p.

Bour, R. e A. Dubois. 1983. Nomenclatural Availability of *Testudo coriacea* Vandelli, 1761: A Case against a Rigid Application of the Rules to Old, Well-Known Zoological Works. *Journal of Herpetology* 17(4):356-361.

Cabral, H., L. Piatti, F.L. Souza, G. Scrocchi e V.L. Ferreira. 2015. *Xenodon pulcher* (Jan, 1863) (Serpentes: Dipsadidae) first record for Brazil and a distribution extension. *Herpetology Notes* 8:361-364.

Cacciali, P. e N. Scott. 2012. Revisión del género *Ophiodes* de Paraguay (Squamata: Angiudae). *Boletín de la Sociedad Zoológica del Uruguay* 21(1-2):1-8.

Cacciali, P. e N. Scott. 2015. Key to the *Ophiodes* (Squamata: Sauria: Diploglossidae) of Paraguay with the description of a new species. *Zootaxa* 3980(1):42-50.

Cadena, E., C. Jaramillo e M.E. Paramo. 2008. New material of *Chelus colombiana* (Testudines; Pleurodira) from the Lower Miocene of Colombia. *Journal of Vertebrate Paleontology* 28(4):1206-1212.

Carranza, S. e E.N. Arnold. 2006. Systematics, biogeography, and evolution of *Hemidactylus* geckos (Reptilia: Gekkonidae) elucidated using mitochondrial DNA sequences. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 38:531-545.

Carrasco, P.A., C.I. Mattoni, G.C. Leynaud e G.J. Scrocchi. 2012. Morphology, phylogeny and taxonomy of South American bothropoid pitvipers (Serpentes, Viperidae). *Zoologia Scripta* 41:109-124.

Chalkidis, H.M. 2000. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa varia*. *Herpetological Review* 31(4):253.

Chalkidis, H.M., A.C. Cordeiro-Duarte e R.C. Vogt. 2002. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa fuliginosa*. *Herpetological Review* 33(2):148.

Cole, C.J. e H.C. Dessauer. 1993. Unisexual and Bisexual Whiptail Lizards of the *Cnemidophorus lemniscatus* Complex (Squamata: Teiidae) of the Guiana Region, South America, with Descriptions of New Species. *American Museum Novitates* 3081:1-30.

Colli, G.R., M.S. Hoogmoed, D.C. Cannatella, J. Cassimiro, J.O. Gomes, J.M. Ghellere, P.M.S. Nunes, K.C.M. Pellegrino, P. Salerno, S.M. Souza e M.T. Rodrigues. 2015. Description and phylogenetic relationships of a new genus and two new species of lizards from Brazilian Amazonia, with nomenclatural comments on the taxonomy of Gymnophthalmidae (Reptilia: Squamata). *Zootaxa* 4000(4):401-427.

Conrad, J.L. 2008. Phylogeny and Systematics of Squamata (Reptilia) based on morphology. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 310:1-182.

Costa, H.C. e R.S. Bérnils. 2014. Répteis brasileiros: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 3(3):74-84.

Costa, H.C., F.C. Resende, M. Teixeira Jr., F. Dal Vechio e C.A. Clemente. 2015. A new *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from southern Espinhaço Range, southeastern Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 87(2):891-901.

Costa, H.C., H. Zaher e P.C.A. Garcia. *Submetido.* **The correct authorship and date of lizard names Teiinae, Tupinambinae, Gymnophthalmidae, Gymnophthalminae, and Gymnophthalmini.** *Zootaxa.*

Crother, B.I. 2009. Are standard names lists taxonomic straightjackets? *Herpetologica* 65(2):129-135.

Cunha, O.R. e F.P. Nascimento. 1978. Ofídios da Amazônia X – As cobras da região leste do Pará. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 31:1-218.

Cunha, O.R. e F.P. Nascimento. 1993. Ofídios da Amazônia: as cobras da região leste do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia* 9(1):1-191.

Cunha, O.R., F.P. Nascimento e A.R. Hoge. 1980. Ofídios da Amazônia XII – Uma nova subespécie de *Sibynomorphus mikanii* do noroeste do Maranhão (Ophidia: Colubridae: Dipsadinae). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série* 103:1-16.

Daudin, F.M. 1801. *Histoire naturelle générale et particulière des Reptiles. Tome Second.* F. Dufart, Paris, 432 pp.

Daudin, F.M. 1802. *Histoire naturelle générale et particulière des Reptiles. Tome Troisième.* F. Dufart, Paris, 452 pp.

Duméril A.M.C. e G. Bibron. 1839. *Erpétologie Générale ou Histoire Naturelle Complète des Reptiles.* Tome Cinquiéme. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris, pp. 854-855.

Estes, R., K. de Queiroz e J.A. Gauthier. 1988. Phylogenetic relationships within squamata; pp. 119-281. *In:* R. Estes e G. Pregill (Eds.) *Phylogenetic Relationships of the Lizard Families.* Stanford University Press, Stanford.

Eterovic, A. e M.R. Duarte. 2002. Exotic snakes in São Paulo City, southeastern Brazil: why xenophobia? *Biodiversity and Conservation* 11:327-339.

Feitosa, D.T., N.J. Silva Jr., M.G. Pires, H. Zaher e A.L.C. Prudente. 2015. A new species of monadal coral snake of the genus *Micrurus* (Serpentes, Elapidae) from western Amazon. *Zootaxa* 3974(4):538-554.

Fernandes, D.S. e B. Hamdan. 2014. A new species of *Chironius* Fitzinger, 1826 from the state of Bahia, Northeastern Brazil (Serpentes: Colubridae). *Zootaxa* 3881(6):563-575.

Fernandes, D.S., V.J. Germano, R. Fernandes e F.L. Franco. 2002. Taxonomic status and geographic distribution of the lowland species of the *Liophis cobella* group with comments on the species fromthe Venezuelan Tepuis (Serpentes, Colubridae). *Boletim do Museu Nacional, Nova Série Zoologia* 481:1-14.

Ferronato, B.O., T.S. Marques, I. Guardia, A.L.B. Longo, C.I. Piña, J. Bertoluci e L.M. Verdade. 2009. The turtle *Trachemys scripta elegans* (Testudines, Emydidae) as an invasive species in a polluted stream of southeastern Brazil. *Herpetological Bulletin* 109:29-34.

Fitzinger, L.J. 1826. *Neue classification der reptilien nach ihren natürlichen verwandtschaften: nebst einer verwandtschafts-tafel und einem verzeichnisse der reptilien-sammlung des K.K. zoologischen museum's zu Wien.* J.G. Heubner, Wien, 66 pp.

Fonseca, E., R. Marques e M.S. Tinôco. 2014. Geographic Distribution: *Anolis carolinensis* (Green Anole). *Herpetological Review* 45(4):658.

Freitas, M.A., D.C. Machado, N.M. Venâncio, D.P.F. França e D. Veríssimo. 2013. First record for Brazil of the Odd Anole lizard, *Anolis dissimilis* Williams, 1965 (Squamata: Polychrotidae) with notes on coloration. *Herpetology Notes* 6:383-385.

Frost, D.R., R.W. McDiarmid e J. Mendelson, III. 2009. Response to the point of view of Gregory B. Pauly, David M. Hillis, and David C. Cannatella, by the Anuran Subcommittee of the SSAR/HL/ASIH Scientific and Standard English Names List. *Herpetologica* 65(2):136-153.

Gans C. 1966. Studies on amphisbaenids (Amphisbaenia: Reptilia). 3. The small species from southern South America commonly identified as Amphisbaena darwini. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 134:185-260.

Giugliano, L.G., C. Nogueira, P.H. Valdujo, R.G. Collevatti e G.R. Colli. 2013. Cryptic diversity in South American Teiinae (Squamata, Teiidae) lizards. *Zoologica Scripta* 42(56):473-487.

Gray, J.E. 1827. A synopsis of the genera of Saurian reptiles, in which some new genera are indicated, and the others reviewed by actual examination. *Philosophical Magazine Series 2* 2(7):54-58.

Gray, J.E. 1873. Hand-list of specimens of shield reptiles in the British Museum. British Museum, London, 124 pp.

Grazziotin, F.G., H. Zaher, R.W. Murphyc, G. Scrocchi, M.A. Benavides, Y.-P. Zhangd e S.L. Bonatto. 2012. Molecular phylogeny of the New World Dipsadidae (Serpentes: Colubroidea): a reappraisal. *Cladistics* 1(2012):1-23.

Hamdan, B. e D.S. Fernandes. 2015. Taxonomic revision of *Chironius flavolineatus* (Jan, 1863) with description of a new species (Serpentes: Colubridae). *Zootaxa* 4012(1):097-119.

Hamdan, B. e R.M. Lira-da-Silva. 2012. The snakes of Bahia State, northeastern Brazil: species richness, composition and biogeographical notes. *Salamandra* 48(1):31-50.

Hamer, M., J. Victor e G.F. Smith. 2012. *Best Practice Guide for Compiling, Maintaining and Disseminating National Species Checklists.* Version 1.0. Global Biodiversity Information Facility, Copenhagen, 40 pp.

Harvey, M.B., G.N. Ugueto e R.L. Gutberlet. 2012. Review of Teiid Morphology with a Revised Taxonomy and Phylogeny of the Teiidae (Lepidosauria: Squamata). *Zootaxa* 3459:1-156.

Hedges, S.B., A.B. Marion, K.M. Lipp, J. Marin e N. Vidal. 2014. A taxonomic framework for typhlopid snakes from the Caribbean and other regions (Reptilia, Squamata). *Caribbean Herpetology* 49:1-61.

Hoogmoed, M.S. e T.C.S. Avila-Pires. 2015. *Lepidodactylus lugubris* (Duméril e Bibron 1836) (Reptilia: Gekkonidae), an introduced lizard new for Brazil, with remarks on and correction of its distribution in the New World. *Zootaxa* 4000(1):90-110.

Hoogmoed, M.S. e U. Gruber. 1983. Spix and Wagler type specimens of reptiles and amphibians in the Natural History Musea inn Munich (Germany) and Leiden (The Netherlands). *Spixiana* 9:319-415.

Jadin, R.C., F.T. Burbink, G.A. Rivas, L.J. Vitt, C.L. Barrio-Amorós e R.P. Guralnick. 2014. Finding arboreal snakes in an evolutionary tree: phylogenetic placement and systematic revision of the Neotropical birdsnakes. *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 52(3):257-264.

Kawashita-Ribeiro, R.A., J.P. Silva, A.F. Silva, L.A.G. Arruda, T. Mott e M.A. Carvalho. 2011. Os Répteis Escamosos (Reptilia, Squamata) da Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, Mato Grosso, Brazil, um Estudo Preliminar; pp. 147-167. *In:* D.J. Rodrigues, T.J. Izzo e L.D. Battirola (Eds.). *Descobrindo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau.* Pau e Prosa, Cuiabá.

Kawashita-Ribeiro, R.A., R.W. Ávila e D.H. Morais. 2013. A new snake of the genus *Helicops* Wagler, 1830 (Dipsadidae, Xenodontinae) from Brazil. *Herpetologica* 69(1):80-90.

Kunz, T.S. e M. Borges-Martins. 2013. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas e Skuk, 1983. *Zootaxa* 3681(4):413-439.

Kunz, T.S., I.R. Ghizoni-Jr. e E. Graipel. 2011. Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae, *Ecpleopus gaudichaudi* Duméril and Bibron, 1839: Distribution extension in the state of Santa Catarina, Brazil. *Check List* 7(1):11-12.

Le, M. e W.P. McCord. 2008. Phylogenetic relationships and biogeographical history of the genus *Rhinoclemmys* Fitzinger, 1835 and the monophyly of the turtle family Geoemydidae (Testudines: Testudinoidea). *Zoological Journal of the Linnean Society* 153:751-767.

Lema, T. 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 7:41-150.

Lema, T. 2002. *Os Répteis do Rio Grande do Sul: Atuais e Fósseis – Biogeografia – Ofidismo*. EDIPUCRS, Porto Alegre. 166 pp.

Lema, T. e M.E. Fabián-Beurmann. 1977. Levantamento preliminar dos répteis da região da fronteira Brasil-Uruguai. *Iheringia, Série Zoologia* 50:61-92.

Lima-Verde, J.S. e P. Cascon. 1990. Lista preliminar da herpetofauna do estado do Ceará, Brasil. *Caatinga* 7:158-163.

Linnaeus, C. 1766. *Systema naturae per regna tria nature secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis*. Stockholm. 12th edition, Tomus. 1. L. Salvii, Stockholm. 532 pp.

Martins, L.A. e T. Lema. 2015. Elapomorphini (Serpentes, Xenodontinae) do Brasil sudoeste. *Neotropical Biology and Conservation* 10(2):93-102.

Martins, M. e M.E. Oliveira. 1998. Natural history of snakes in forests of the Manaus region Central Amazonia Brazil. *Herpetological Natural History* 6(2):78-150.

Maschio, G.F., U. Galatti, S. Neckel-Oliveira, M. Gordo e Y.O.C. Bitar. 2012. Répteis de Carajás; pp. 82-97. *In:* F.D. Martins, A.F. Castilho, J. Campos, F.M. Hatano e S.G. Rolim. (Orgs.). *Fauna da Floresta Nacional de Carajás: Estudos sobre Vertebrados Terrestres*. Nitro Imagens, São Paulo.

McDiarmid, R.W., J.A. Campbell e T.A. Touré. 1999. *Snake Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference*. Volume 1. The Herpetologists' League, Washington, D.C. 511 pp.

Melo-Sampaio, P.R., B.L.A.S. Melo, A. Silva, J.M.L. Maciel, M. Nogueira, S.M. Arruda, L. Lima, J.C. Silva e L. Matos. 2013. Geographic Distribution: *Anolis dissimilis*. *Herpetological Review* 44(3):473.

Merrem, B. (1820). *Versuch eines Systems der Amphibien*. Johann Christian Krieger, Marburg, 191 pp.

Miralles, A. e S. Carranza. 2010. Systematics and biogeography of the Neotropical genus Mabuya, with specialemphasis on the Amazonian skink Mabuya nigropunctata (Reptilia, Scincidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 54:857-869.

Morais, C.J.S., A.F. Barreto-Lima, P.T. Dantas, F.M.C.B. Domingos, R.M.D. Ledo, D.L. Pantoja, H.C. Sousa e G.R. Colli. 2014. First records of *Tropidurus callathelys* and *T. chromatops* (Reptilia: Squamata: Tropiduridae) in Brazil. *Check List* 10(5):1213-1217.

Moro, M.F., V.C. Souza, A.T. Oliveira-Filho, L.P. Queiroz, C.N. Fraga, M.J.N. Rodal, F.S. Araújo e F.R. Martins. 2012. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? *Acta Botanica Brasilica* 26(4):991-999.

Mott, T. e D.R. Vieites. 2009. Molecular phylogenetics reveals extreme morphological homoplasy in Brazilian worm lizards challenging current taxonomy. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 51:190-200.

Moura, G.J.B., E.M.X. Freire, E.M. Santos, Z.M.B. Morais, E.A.M. Lins, E.V.E. Andrade e J.D.C. Ferreira. 2011. Distribuição geográfica e caracterização ecológica dos répteis do estado de Pernambuco; pp. 229-290, *In:* G.J.B. Moura, E.M. Santos, M.A.B. Oliveira e M.C.C. Cabral (Orgs.). *Herpetologia do Estado de Pernambuco*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

Nascimento, F.P., T.C.S. Avila-Pires e O.R. Cunha. 1988. Répteis Squamata de Rondônia e Mato Grosso coletados através do Programa Polonoroeste. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 4(1):21-66.

Oliveira, E.F., M. Gehara, V.A. São-Pedro, X. Chen, E.A. Myers, F.T. Burbrink, D.O. Mesquita, A.A. Garda, G.R. Colli, M.T. Rodrigues, F.J. Arias, H. Zaher, R.M.L. Santos e G.C. Costa. 2015. Speciation with gene flow in whiptail lizards from a Neotropical xeric biome. *Molecular Ecology* 24:5957-5975.

Olson, S.L. e N. David. 2014. The gender of the tortoise genus *Chelonoidis* Fitzinger, 1835 (Testudines: Testudinidae). *Proceedings of the Biological Society of Washington* 126(4):393-394.

Oppel, M. 1811. *Die Ordnungen, Familien und Gattungen der Reptilien als Prodrom einer Naturgeschichte Derselben*. J. Lindauer, München, 86 pp.

Osborn, H.F. 1929. Biographical Memoir of Edward Drinker Cope 1840-1897. *National Academy of Sciences of the United States of America Biographical Memoirs* 13:127-317.

Passos, P., M. Teixeira Jr., R.S. Recoder, M.A. Sena, F. Dal Vechio, H.B.A. Pinto, S.H.S.T. Mendonça, J. Cassimiro e M.T. Rodrigues. 2013. A new species of *Atractus* (Serpentes: Dipsadidae) from Serra do Cipó, Espinhaço Range, Southeastern Brazil, with proposition of a new species group to the genus. *Papéis Avulsos de Zoologia* 53(6):75-85.

Pauly, G.B., D.M. Hillis e D.C. Cannatella. 2009. Taxonomic freedom and the role of official lists of species names. *Herpetologica* 64:115-128.

Peters, J.A. e B. Orejas-Miranda. 1970. Catalogue of Neotropical Squamata Part I. Snakes. *Bulletin of the United States National Museum* 297:1-347.

Pinna, P.H., A.F. Mendonça, A. Bocchiglieri e D.S. Fernandes. 2014. A New Species of *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 from a Cerrado Region in Bahia, Northeastern Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). *Herpetologica* 70(3):339-349.

Pires, M.G., D.T. Feitosa, A.L.C. Prudente e N.J. Silva. 2013. First record of *Micrurus diana* Roze, 1983 (Serpentes: Elapidae) for Brazil and extension of its distribution in Bolivia, with notes on morphological variation. *Check List* 9(6):1556-1560.

Pires, M.G., N.J. Silva, D.T. Feitosa, A.L.C. Prudente, G.A. Pereira Filho e H. Zaher. 2014. A new species of triadal coral snake of the genus *Micrurus* Wagler, 1824 (Serpentes: Elapidae) from northeastern Brazil. *Zootaxa* 3811(4):569-584.

Pizzatto, L. 2005. Reproductive biology of the "glass snake" *Ophiodes fragilis* (Squamata: Anguidae) in south-east Brazil. *Herpetological Journal* 15:9-13.

Prates, I., M.T. Rodrigues, P.R. Melo-Sampaio e A.C. Carnaval. 2014 [datado 2015]. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 82:258-268.

Presch, W.F. 1974. Evolutionary relationships and biogeography of the macroteiid lizards (Family Teiidae, Subfamily Teiinae). *Bulletin Southern California Academy of Sciences* 72:23-32.

Pyron, R.A. e F.T. Burbrink. 2012. Extinction, ecological opportunity, and the origins of global snake diversity. *Evolution* 66(1):163-178.

Pyron, R.A. e V. Wallach. 2014. Systematics of the blindsnakes (Serpentes: Scolecophidia: Typhlopoidea) based on molecular and morphological evidence. *Zootaxa* 3829(1):001-081.

Pyron, R.A., F.T. Burbrink e J.J. Wiens. 2013. A phylogeny and updated classification of Squamata, including 4161 species of lizards and snakes. *BMC Evolutionary Biology* 13:93.

Pyron, R.A., F.T. Burbrink, G.R. Colli, A.N. Montes de Oca, L.J. Vitt, C.A. Kuczynski e J.J. Wiens. 2011. The phylogeny of advanced snakes (Colubroidea), with discovery of a new subfamily and comparison of support methods for likelihood trees. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 58:329-342.

Quintela, F.M., D. Loebmann e M.N. Gianuca. 2006. Répteis continentais do município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biociências* 14(2):180-188.

Recoder, R.S., F.P. Werneck, M. Teixeira, G.R. Colli, J.W. Sites e M.T. Rodrigues. 2014. Geographic variation and systematic review of the lizard genus *Vanzosaura* (Squamata, Gymnophthalmidae), with the description of a new species. *Zoological Journal of the Linnean Society* 171:206-225.

Ribeiro, S., C. Nogueira, C.E.D. Cintra, N.J. Silva e H. Zaher. 2012 [datado 2011]. Description of a new pored *Leposternon* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado. *South American Journal of Herpetology* 6(3):177-188.

Roberto, I.J., L.B.M. Brito e R.A. Ávila. 2014. A new six-pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from the coastal zone of northeast Brazil. *Zootaxa* 3753(2):167-176.

Rocha Junior, J.C., A. Piva, J. Batista e D.C. Machado. 2015. Occurrence of the Tokay Gecko *Gekko gecko* (Linnaeus 1758) (Squamata, Gekkonidae), an exotic species in southern Brazil. *Herpetology Notes* 8:8-10.

Rocha, C.F.D., H.G. Bergallo, J.P. Pombal Jr., L. Geise, M. van Sluys, R. Fernandes e U. Caramaschi. 2004. Fauna de anfíbios, répteis e mamíferos do estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. *Publicações Avulsas dos Museu Nacional* 104:3-23.

Rodrigues, M.T., M. Teixeira Jr., R.S. Recoder, F. Dal Vechio, R. Damasceno e K.C.M. Pellegrino. 2013. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) with four fingers from the Atlantic Forest central corridor in Bahia, Brazil. *Zootaxa* 3635(4):459-475.

Rossman, D.A. e A.S. Abe. 1979. Comments on the taxonomic status of *Helicops yacu* (Serpentes; Colubridae). *The Proceedings of the Louisiana Academy of Sciences* 42:7-9.

Santos, F.J.M., M. Repenning, C. Beier e G.M.F. Pontes. 2015. First record of *Chironius maculoventris* Dixon, Wiest e Cei, 1993 (Squamata: Serpentes: Colubridae) in Brazil. *Herpetology Notes* 8:169-171.

Santos-Jr., A.P. e R.N. Yuki. 2002. Geographic Distribution: *Liophis miliaris miliaris* (NCN). *Herpetological Review* 33(3):228.

SBH – Sociedade Brasileira de Herpetologia. 2005. Lista Brasileira de Répteis. Acessado em 17 de Novembro de 2015. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis01Marco2005.pdf.

Silva Jr., N.J., H.L.R. Silva, R.S. Ribeiro, I. Souza e C.A. Souza. 2005. Uma nova espécie do gênero *Atractus* Wagler, 1928 (Colubridae: Dipsadinae) do Cerrado do Brasil Central. *Papéis Avulsos de Zoologia* 45(3):33-39.

Silva, M.B. e T.C.S. Avila-Pires. 2013. The genus *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) in State of Piauí, northeastern Brazil, with description of a new species. *Zootaxa* 3681(4):455-477.

Silva, M.V., M.B. Sousa e P.S. Bernarde. 2012 [datado 2010]. Riqueza e dieta de serpentes do Estado do Acre, Brasil. *Revista Brasileira de Zoociências* 12(2):165-176.

Teixeira Jr., M., F. Dal Vechio, A. Mollo Neto e M.T. Rodrigues. 2014. A New Two-Pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758, from Western Amazonia, Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). *South American Journal of Herpetology* 9(1):62-74.

Teixeira Jr., M., F. Dal Vechio, P.M.S. Nunes, A. Mollo Neto, L.M. Lobo, L.F. Storti, R.A.J. Gaiga, P.H.F. Dias e M.T. Rodrigues. 2013b. A new species of *Bachia* Gray, 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the western Brazilian Amazonia. *Zootaxa* 3636(3):401-420.

Teixeira Jr., M., I. Prates, C. Nisa, N.S.C. Silva, C. Strüssmann e M.T. Rodrigues. 2015 [datado 2016]. Molecular data reveal spatial and temporal patterns of diversification and a cryptic new species of lowland *Stenocercus* Duméril e Bibron, 1837 (Squamata: Tropiduridae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 96:410-423.

Teixeira Jr., M., R.S. Recoder, A. Camacho, M.A. Sena, C.A. Navas e M.T. Rodrigues. 2013a. A new species of *Bachia* Gray, 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Eastern Brazilian Cerrado, and data on its ecology, physiology and behavior. *Zootaxa* 3616(2):173-189.

Torres-Carvajal, O., S.E. Lobos e P.J. Venegas. 2015. Phylogeny of Neotropical *Cercosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) lizards. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 93:281-288.

Turtle Taxonomy Working Group – TTWG [van Dijk, P.P., J.B. Iverson, H.B. Shaffer, R. Bour e A.G.J. Rhodin]. 2012. Turtles of the World, 2012 Update: Annotated Checklist of Taxonomy, Synonymy, Distribution, and Conservation Status; pp. 243-328. *In:* A.G.J. Rhodin, P.C.H. Pritchard, P.P. van Dijk, R.A. Saumure, K.A. Buhlmann, J.B. Iverson e R.A. Mittermeier (Eds.). *Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group.* Chelonian Research Monographs 5.

Turtle Taxonomy Working Group – TTWG [van Dijk, P.P., J.B. Iverson, A.G.J. Rhodin, H.B. Shaffer e R. Bour]. 2014. Turtles of the World, 7th edition: annotated checklist of taxonomy, synonymy, distribution with maps, and conservation status; pp. 329-479. *In:* A.G.J. Rhodin, P.C.H. Pritchard, P.P. van Dijk, R.A. Saumure, K.A. Buhlmann, J.B. Iverson e R.A. Mittermeier (Eds.). *Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group.* Chelonian Research Monographs 5(7).

Uetz, P. e J. Hošek (Eds.). The Reptile Database. Acessado em 6 de Outubro de 2015. www.reptile-database.org.

Vandelli, D. 1761. *Epislola de Holothurio, et Testudinc coriacca ad celeberrimum Carolum Linnaeun Equitem Naturae Curiosum Dioscorcidem II.* Conzatti, Padova. 12 pp.

Vanzolini, P.E. 1977. *An Annotated Bibliography of the Land and Fresh-Water Reptiles of South America (1758-1975) Vol. I (1758-1900).* Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 186 pp.

Vanzolini, P.E. 1996. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. *Revista USP* 30:190-238.

Vanzolini, P.E. e C.W. Myers. 2015. The Herpetological Collection of Maximilian, Prince of Wied (1782-1867), with special reference to Brazilian materials. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 395:1-155.

Vidal, N. e S.B. Hedges. 2009. The molecular evolutionary tree of lizards, snakes, and amphisbaenians. *C.R. Biologies* 332:129-139.

Wagler, J. 1824. *Serpentum Brasiliensium Species Novae ou Histoire Naturelle des Espèces Nouvelles de Serpens.* Franc. Seraph. Hübschmann, Munich, 75 pp.

Wagler, J. 1830. *Natürliches System der Amphibien, mit Vorangehender Classification der Säugethiere und Vögel. Ein Beitrag zur Vergleichenden Zoologie.* J.G. Cotta'scchen Buchhandlung, München, Stuttgart und Tübingen. 354 pp.

Wied, M.P. 1821. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 von Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied.* Vol. 2. Heinrich Ludwig Brönner, Frankfurt am Main, 345 pp.

Wied, M.P. 1824. Verzeichniss der Amphibien, welche im zweyten Bande der Naturgeschichte Brasiliens vom Prinz Max von Neuwied werden beschrieben werden. (Nach Merrems Versuch eines System der Amphibien). *Isis von Oken* 14(6):661-673.

Wied, M.P. 1825. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien, von Maximilian, Prinzen zu Wied.* Vol. 1. Landes-Industrie-Comptoirs, Weimar, 614 pp.

Wiens, J.J., C.R. Hutter, D.G. Mulcahy, B.P. Noonan, T.M. Townsend, J.W. Sites e T.W. Reeder. 2012. Resolving the phylogeny of lizards and snakes (Squamata) with extensive sampling of genes and species. *Biology Letters* 8(6):1043-1046.

Zaher, H., F.E. Barbo, P.S. Martínez, C. Nogueira, M.T. Rodrigues e R.J. Sawaya. 2011. Répteis do Estado de São Paulo: conhecimento atual e perspectivas. *Biota Neotropica* 1(Supl. 1):67-81.



Dendropsophus microcephalus, Gaúcha do Norte. MT. Foto: Reuber Brandão.

Répteis (773 spp. / 819 spp. + sspp.)

Testudines Batsch, 1788 (36 / 36)
Cryptodira Cope, 1869 (11 / 11)
Chelonioidea Oppel, 1811 (5 / 5)
Cheloniidae Oppel, 1811 (4 / 4)
Carettinae Gray, 1825 (3 / 3)

1. *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758)
2. *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1766)
3. *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829)

Cheloniinae Oppel, 1811 (1 / 1)

4. *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)

Dermochelyidae Fitzinger, 1843 (1 / 1)

5. *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761)

Kinosternoidea Joyce, Parham e Gauthier, 2004 (1 / 1)
Kinosternidae Agassiz, 1857 (1 / 1)
Kinosterninae Agassiz, 1857 (1 / 1)

6. *Kinosternon scorpioides scorpioides* (Linnaeus, 1766)

Testudinoidea Fitzinger, 1826 (5 / 5)
Emydidae Rafinesque, 1815 (2 / 2)
Deirochelyinae Agassiz, 1857 (2 / 2)

7. *Trachemys adiutrix* Vanzolini, 1995
8. *Trachemys dorbigni* (Duméril e Bibron, 1835)

Geoemydidae Theobald, 1868 (1 / 1)
Rhinoclemmydinae Gray, 1873 (1 / 1)

9. *Rhinoclemmys punctularia punctularia* (Daudin, 1801)

Testudinidae Batsch, 1788 (2 / 2)

10. *Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824)
11. *Chelonoidis denticulatus* (Linnaeus, 1766)

Pleurodira Cope, 1864 (25 / 25)
Chelidae Gray, 1825 (20 / 20)
Chelinae Gray, 1825 (18 / 18)

12. *Acanthochelys macrocephala* (Rhodin, Mittermeier e McMorris, 1984)
13. *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820)
14. *Acanthochelys spixii* (Duméril e Bibron, 1835)
15. *Chelus fimbriata* (Schneider, 1783)
16. *Mesoclemmys gibba* (Schweigger, 1812)
17. *Mesoclemmys heliostemma* (McCord, Joseph-Ouni e Lamar, 2001)
18. *Mesoclemmys hogei* (Mertens, 1967)
19. *Mesoclemmys nasuta* (Schweigger, 1812)
20. *Mesoclemmys perplexa* Bour e Zaher, 2005
21. *Mesoclemmys raniceps* (Gray, 1856)
22. *Mesoclemmys tuberculata* (Lüderwaldt, 1926)
23. *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour, 1973)
24. *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812)
25. *Phrynops hilarii* (Duméril e Bibron, 1835)
26. *Phrynops tuberosus* (Peters, 1870)
27. *Phrynops williamsi* Rhodin e Mittermeier, 1983
28. *Platemys platycephala platycephala* (Schneider, 1792)
29. *Rhinemys rufipes* (Spix, 1824)

Hydromedusinae Baur, 1893 (2 / 2)

30. *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1825)
31. *Hydromedusa tectifera* Cope, 1870

Podocnemididae Cope, 1869 (5 / 5)

32. *Peltocephalus dumerilianus* (Schweigger, 1812)
33. *Podocnemis erythrocephala* (Spix, 1824)
34. *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812)
35. *Podocnemis sextuberculata* Cornalia, 1849
36. *Podocnemis unifilis* Troschel, 1848

Crocodylia Gmelin, 1789 (6 / 6)
Alligatoridae Cuvier, 1807 (6 / 6)
Caimaninae Norell, 1988 (6 / 6)

37. *Caiman crocodilus crocodilus* (Linnaeus, 1758)
38. *Caiman latirostris* (Daudin, 1801)
39. *Caiman yacare* (Daudin, 1801)
40. *Melanosuchus niger* (Spix, 1825)
41. *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807)
42. *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801)

Squamata Oppel, 1811 (731 / 777)
Gekkota Cuvier, 1817 (35 / 35)
Gekkonidae Gray, 1825 (6 / 6)

43. *Hemidactylus agrius* Vanzolini, 1978
44. *Hemidactylus brasilianus* (Amaral, 1935)
45. *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818)
46. *Hemidactylus palaichthus* Kluge, 1969
47. *Lygodactylus klugei* (Smith, Martin e Swain, 1977)
48. *Lygodactylus wetzeli* (Smith, Martin e Swain, 1977)

Phyllodactylidae Gamble, Bauer, Greenbaum e Jackman, 2008 (13 / 13)

49. *Gymnodactylus amarali* Barbour, 1925
50. *Gymnodactylus darwinii* (Gray, 1845)
51. *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825
52. *Gymnodactylus guttulatus* Vanzolini, 1982
53. *Gymnodactylus vanzolinii* Cassimiro e Rodrigues, 2009
54. *Homonota fasciata* (Duméril e Bibron, 1836)
55. *Homonota uruguayensis* (Vaz-Ferreira e Sierra de Soriano, 1961)

56. *Phyllopezus lutzae* (Loveridge, 1941)
57. *Phyllopezus periosus* Rodrigues, 1986
58. *Phyllopezus pollicaris pollicaris* (Spix, 1825)
59. *Phyllopezus przewalskii* Koslowsky, 1895
60. *Thecadactylus rapicauda* (Houttuyn, 1782)
61. *Thecadactylus solimoensis* Bergmann e Russell, 2007

Sphaerodactylidae Underwood, 1954 (16 / 16)

62. *Chatogekko amazonicus* (Andersson, 1918)
63. *Coleodactylus brachystoma* (Amaral, 1935)
64. *Coleodactylus elizae* Gonçalves, Torquato, Skuk e Sena, 2012
65. *Coleodactylus meridionalis* (Boulenger, 1888)
66. *Coleodactylus natalensis* Freire, 1999
67. *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980
68. *Gonatodes annularis* Boulenger, 1887
69. *Gonatodes eladioi* Nascimento, Avila-Pires e Cunha, 1987
70. *Gonatodes hasemani* Griffin, 1917
71. *Gonatodes humeralis* (Guichenot, 1855)
72. *Gonatodes nascimentoi* Sturaro e Avila-Pires, 2011
73. *Gonatodes tapajonicus* Rodrigues, 1980
74. *Lepidoblepharis heyerorum* Vanzolini, 1978
75. *Lepidoblepharis hoogmoedi* Avila-Pires, 1995
76. *Pseudogonatodes gasconi* Avila-Pires e Hoogmoed, 2000
77. *Pseudogonatodes guianensis* Parker, 1935

Scinciformata Vidal e Hedges, 2005 (15 / 15)
Lygosomoidea Mittleman, 1952 (15 / 15)
Mabuyidae Mittleman, 1952 (15 / 15)
Mabuyinae Mittleman, 1952 (14 / 14)

78. *Aspronema dorsivittatum* (Cope, 1862)
79. *Brasiliscincus agilis* (Raddi, 1823)
80. *Brasiliscincus caissara* (Rebouças-Spieker, 1974)
81. *Brasiliscincus heathi* (Schmidt e Inger, 1951)
82. *Copeoglossum arajara* (Rebouças-Spieker, 1981)
83. *Copeoglossum nigropunctatum* (Spix, 1825)
84. *Exila nigropalmata* (Andersson, 1918)
85. *Manciola guaporicola* (Dunn, 1935)
86. *Notomabuya frenata* (Cope, 1862)
87. *Panopa carvalhoi* (Rebouças-Spieker e Vanzolini, 1990)
88. *Psychosaura agmosticha* (Rodrigues, 2000)
89. *Psychosaura macrorhyncha* (Hoge, 1947)
90. *Varzea altamazonica* (Miralles, Barrio-Amorós, Rivas e Chaparro-Auza, 2006)
91. *Varzea bistriata* (Spix, 1825)

Trachylepidinae Hedges e Conn, 2012 (1 / 1)

92. *Trachylepis atlantica* (Schmidt, 1945)

Iguania Cope, 1864 (83 / 86)
Pleurodonta Cope, 1864 (83 / 86)
Dactyloidae Fitzinger, 1843 (18 / 18)

93. *Dactyloa dissimilis* (Williams, 1965)
94. *Dactyloa nasofrontalis* (Amaral, 1933)
95. *Dactyloa phyllorhina* (Myers e Carvalho, 1945)
96. *Dactyloa pseudotigrina* (Amaral, 1933)
97. *Dactyloa punctata* (Daudin, 1802)
98. *Dactyloa transversalis* (Duméril *in* Duméril e Duméril, 1851)
99. *Norops auratus* (Daudin, 1802)
100. *Norops bombiceps* (Cope, 1875)
101. *Norops brasiliensis* (Vanzolini e Williams, 1970)
102. *Norops chrysolepis* (Duméril e Bibron, 1837)
103. *Norops fuscoauratus* (D'Orbigny, 1837 *in* Duméril e Bibron, 1837)
104. *Norops meridionalis* (Boettger, 1885)
105. *Norops ortonii* (Cope, 1868)
106. *Norops planiceps* (Troschel, 1848)
107. *Norops scypheus* (Cope, 1864)
108. *Norops tandai* (Avila-Pires, 1995)
109. *Norops trachyderma* (Cope, 1875)
110. *Norops williamsii* (Bocourt, 1870)

Hoplocercidae Frost e Etheridge, 1989 (3 / 3)

111. *Enyalioides laticeps* (Guichenot, 1855)
112. *Enyalioides palpebralis* (Boulenger, 1883)
113. *Hoplocercus spinosus* Fitzinger, 1843

Iguanidae Gray, 1827 (1 / 1)

114. *Iguana iguana iguana* (Linnaeus, 1758)

Leiosauridae Frost, Etheridge, Janies e Titus, 2001 (15 / 15)
Leiosaurinae Frost, Etheridge, Janies e Titus, 2001 (1 / 1)

115. *Leiosaurus paronae* (Peracca, 1897)

Enyaliinae Frost, Etheridge, Janies e Titus, 2001 (14 / 14)

116. *Anisolepis grilli* Boulenger, 1891
117. *Anisolepis longicauda* (Boulenger, 1891)
118. *Anisolepis undulatus* (Wiegmann, 1834)
119. *Enyalius bibronii* Boulenger, 1885
120. *Enyalius bilineatus* Duméril e Bibron, 1837
121. *Enyalius boulengeri* Etheridge, 1969
122. *Enyalius brasiliensis* (Lesson, 1828)
123. *Enyalius catenatus* (Wied, 1821)
124. *Enyalius erythroceneus* Rodrigues, Freitas, Silva e Bertolotto, 2006
125. *Enyalius iheringii* Boulenger, 1885
126. *Enyalius leechii* (Boulenger, 1885)
127. *Enyalius perditus* Jackson, 1978
128. *Enyalius pictus* (Schinz, 1822)
129. *Urostrophus vautieri* Duméril e Bibron, 1837

Liolaemidae Frost e Etheridge, 1989 (3 / 3)

130. *Liolaemus arambarensis* Verrastro, Veronese, Bujes e Dias-Filho, 2003

131. *Liolaemus lutzae* Mertens, 1938
132. *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885

Polychrotidae Fitzinger, 1843 (3 / 3)

133. *Polychrus acutirostris* Spix, 1825
134. *Polychrus liogaster* Boulenger, 1908
135. *Polychrus marmoratus* (Linnaeus, 1758)

Tropiduridae Bell *in* Darwin, 1843 (40 / 43)

136. *Eurolophosaurus amathites* (Rodrigues, 1984)
137. *Eurolophosaurus nanuzae* (Rodrigues, 1981)
138. *Eurolophosaurus divaricatus* (Rodrigues, 1986)
139. *Plica plica* (Linnaeus, 1758)
140. *Plica umbra umbra* (Linnaeus, 1758)
141. *Plica umbra ochrocollaris* (Spix, 1825
142. *Stenocercus albolineatus* Teixeira Jr., Prates, Nisa, Silva, Strüssmann e Rodrigues, 2015
143. *Stenocercus azureus* (Müller, 1882)
144. *Stenocercus caducus* (Cope, 1862)
145. *Stenocercus dumerilii* (Steindachner, 1867)
146. *Stenocercus fimbriatus* Avila-Pires, 1995
147. *Stenocercus quinarius* Nogueira e Rodrigues, 2006
148. *Stenocercus roseiventris* Duméril e Bibron, 1837
149. *Stenocercus sinesaccus* Torres-Carvajal, 2005
150. *Stenocercus squarrosus* Nogueira e Rodrigues, 2006
151. *Stenocercus tricristatus* (Duméril *in* Duméril e Duméril, 1851)
152. *Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1834
153. *Tropidurus callathelys* Harvey e Gutberlet, 1998
154. *Tropidurus catalanensis* Gudynas e Skuk,1983
155. *Tropidurus cocorobensis* Rodrigues, 1987
156. *Tropidurus chromatops* Harvey e Gutberlet, 1998
157. *Tropidurus erythrocephalus* Rodrigues, 1987
158. *Tropidurus etheridgei* Cei, 1982
159. *Tropidurus guarani* Alvarez, Cei e Scolaro, 1991
160. *Tropidurus helenae* (Manzani e Abe, 1990)
161. *Tropidurus hispidus* (Spix, 1825)
162. *Tropidurus hygomi* Reinhardt e Luetken, 1861
163. *Tropidurus insulanus* Rodrigues, 1987
164. *Tropidurus imbituba* Kunz e Borges-Martins, 2013
165. *Tropidurus itambere* Rodrigues, 1987
166. *Tropidurus jaguaribanus* Passos, Lima e Borges-Nojosa, 2011
167. *Tropidurus montanus* Rodrigues, 1987
168. *Tropidurus mucujensis* Rodrigues, 1987
169. *Tropidurus oreadicus* Rodrigues, 1987
170. *Tropidurus pinima* (Rodrigues, 1984)
171. *Tropidurus psammonastes* Rodrigues, Kasahara e Yonenaga-Yasuda, 1988
172. *Tropidurus semitaeniatus* (Spix, 1825)
173. *Tropidurus torquatus* (Wied, 1820)
174. *Uracentron azureum azureum* (Linnaeus, 1758)
175. *Uracentron azureum guentheri* Boulenger, 1895
176. *Uracentron azureum werneri* Mertens, 1925
177. *Uracentron flaviceps* (Guichenot, 1855)
178. *Uranoscodon superciliosus* (Linnaeus, 1758)

Anguimorpha Fürbringer, 1900 (5 / 5)
Anguidae Gray, 1825 (5 / 5)
Diploglossinae Boucourt 1873 (5 / 5)

179. *Diploglossus fasciatus* (Gray, 1831)
180. *Diploglossus lessonae* Peracca, 1890
181. *Ophiodes fragilis* (Raddi, 1820)
182. *Ophiodes striatus* (Spix, 1825)
183. *Ophiodes yacupoi* Gallardo, 1966

Lacertiformes Estes, De Queiroz e Gauthier *in* Estes e Pregill, 1988 (201 / 204)
Teiioidea Gray, 1827 (128 / 131)
Gymnophthalmidae Fitzinger, 1826 (90 / 93)
Gymnophthalminae Fitzinger, 1826 (33 / 33)
Gymnophthalmini Fitzinger, 1826 (19 / 19)

184. *Calyptommatus confusionibus* Rodrigues, Zaher e Curcio, 2001
185. *Calyptommatus leiolepis* Rodrigues, 1991
186. *Calyptommatus nicterus* Rodrigues, 1991
187. *Calyptommatus sinebrachiatus* Rodrigues, 1991
188. *Gymnophthalmus leucomystax* Vanzolini e Carvalho, 1991
189. *Gymnophthalmus underwoodi* Grant, 1958
190. *Gymnophthalmus vanzoi* Carvalho, 1999
191. *Micrablepharus atticolus* Rodrigues, 1996
192. *Micrablepharus maximiliani* (Reinhardt e Luetken, 1862)
193. *Nothobachia ablephara* Rodrigues, 1984
194. *Procellosaurinus erythrocercus* Rodrigues, 1991
195. *Procellosaurinus tetradactylus* Rodrigues, 1991
196. *Psilophthalmus paeminosus* Rodrigues, 1991
197. *Scriptosaura catimbau* Rodrigues e Santos, 2008
198. *Tretioscincus agilis* (Ruthven, 1916)
199. *Tretioscincus oriximinensis* Avila-Pires, 1995
200. *Vanzosaura multiscutata* (Amaral, 1933)
201. *Vanzosaura rubricauda* (Boulenger, 1902)
202. *Vanzosaura savanicola* Recoder, Werneck, Teixeira Jr., Colli, Sites e Rodrigues, 2014

Chirocolini Gray, 1838 (6 / 6)

203. *Caparaonia itaiquara* Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade e Pellegrino, 2009
204. *Colobodactylus dalcyanus* Vanzolini e Ramos, 1977
205. *Colobodactylus taunayi* Amaral, 1933
206. *Heterodactylus imbricatus* Spix, 1825
207. *Heterodactylus lundii* Reinhardt e Luetken, 1862
208. *Heterodactylus septentrionalis* Rodrigues, Freitas e Silva, 2009

Iphisini Gray, 1851 (8 / 8)

209. *Acratosaura mentalis* (Amaral, 1933)
210. *Acratosaura spinosa* Rodrigues, Cassimiro, Freitas e Silva, 2009
211. *Alexandresaurus camacan* Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argôlo e Sites, 2007

212. *Colobosaura modesta* (Reinhardt e Luetken, 1862)
213. *Iphisa elegans elegans* Gray, 1851
214. *Rondonops biscutatus* Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza e Rodrigues, 2015
215. *Rondonops xanthomystax* Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza e Rodrigues, 2015
216. *Stenolepis ridleyi* Boulenger, 1887

Alopoglossinae Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda e Sites, 2001 (4 / 4)

217. *Alopoglossus angulatus* (Linnaeus, 1758)
218. *Alopoglossus atriventris* Duellman, 1973
219. *Alopoglossus buckleyi* (O'Shaughnessy, 1881)
220. *Ptychoglossus brevifrontalis* Boulenger, 1912

Bachiinae Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza e Rodrigues, 2015 (15 / 15)

221. *Bachia bresslaui* (Amaral, 1935)
222. *Bachia cacerensis* Castrillon e Strüssmann, 1998
223. *Bachia didactyla* Freitas, Strüssmann, Carvalho, Kawashita-Ribeiro e Mott, 2011
224. *Bachia dorbignyi* (Duméril e Bibron, 1839)
225. *Bachia geralista* Teixeira Jr., Recoder, Camacho, Sena, Navas e Rodrigues, 2013
226. *Bachia flavescens* (Bonnaterre, 1789)
227. *Bachia micromela* Rodrigues, Pavan e Curcio, 2007
228. *Bachia oxyrhina* Rodrigues, Camacho, Nunes, Recoder, Teixeira Jr., Valdujo, Ghellere, Mott e Nogueira, 2008
229. *Bachia panoplia* Thomas, 1965
230. *Bachia peruana* (Werner, 1901)
231. *Bachia psamophila* Rodrigues, Pavan e Curcio, 2007
232. *Bachia pyburni* Kizirian e McDiarmid, 1998
233. *Bachia scaea* Teixeira Jr., Dal Vechio, Nunes, Mollo Neto, Lobo, Storti, Gaiga, Dias e Rodrigues, 2013
234. *Bachia scolecoides* Vanzolini, 1961
235. *Bachia trisanale* (Cope, 1868)

Cercosaurinae Gray, 1838 (16 / 19)
Cercosaurini Gray, 1838 (16 / 19)

236. *Cercosaura argula* (Peters, 1863)
237. *Cercosaura bassleri* Ruibal, 1952
238. *Cercosaura eigenmanni* (Griffin, 1917)
239. *Cercosaura ocellata ocellata* Wagler, 1830
240. *Cercosaura ocellata petersi* Ruibal, 1952
241. *Cercosaura oshaughnessyi* (Boulenger, 1885)
242. *Cercosaura parkeri* Ruibal, 1952
243. *Cercosaura quadrilineata* Boettger, 1876
244. *Cercosaura schreibersii albostrigata* (Griffin, 1917)
245. *Cercosaura schreibersii schreibersii* Wiegmann, 1834
246. *Neusticurus bicarinatus* (Linnaeus, 1758)
247. *Neusticurus ecpleopus* Cope, 1875
248. *Neusticurus juruazensis* Avila-Pires e Vitt, 1998
249. *Neusticurus racenisi* Roze, 1958
250. *Neusticurus rudis* Boulenger, 1900
251. *Placosoma cipoense* Cunha, 1966
252. *Placosoma cordylinum cordylinum* Tschudi, 1847
253. *Placosoma cordylinum champsonotus* (Werner, 1910)
254. *Placosoma glabellum* (Peters, 1870)

Ecpleopodinae Fitzinger, 1843 (21 / 21)

255. *Amapasaurus tetradactylus* Cunha, 1970
256. *Anotosaura collaris* Amaral, 1933
257. *Anotosaura vanzolinia* Dixon, 1974
258. *Arthrosaura kockii* (Lidth de Jeude, 1904)
259. *Arthrosaura reticulata* (O'Shaughnessy, 1881)
260. *Colobosauroides carvalhoi* Soares e Caramaschi, 1998
261. *Colobosauroides cearensis* Cunha, Lima-Verde e Lima, 1991
262. *Dryadosaura nordestina* Rodrigues, Freire, Pellegrino e Sites, 2005
263. *Ecpleopus gaudichaudii* Duméril e Bibron, 1839
264. *Leposoma annectans* Ruibal, 1952
265. *Leposoma baturitensis* Rodrigues e Borges, 1997
266. *Leposoma ferreirai* Rodrigues e Avila-Pires, 2005
267. *Leposoma guianense* Ruibal, 1952
268. *Leposoma nanodactylus* Rodrigues, 1997
269. *Leposoma osvaldoi* Avila-Pires, 1995
270. *Leposoma percarinatum* (Müller, 1923)
271. *Leposoma puk* Rodrigues, Dixo, Pavan e Verdade, 2002
272. *Leposoma scincoides* Spix, 1825
273. *Leposoma sinepollex* Rodrigues, Teixeira Jr., Recoder, Dal Vechio, Damasceno e Pellegrino, 2013
274. *Leposoma snethlageae* Avila-Pires, 1995
275. *Marinussaurus curupira* Peloso, Pellegrino, Rodrigues e Avila-Pires, 2011

Rhachisaurinae Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda e Sites, 2001 (1 / 1)

276. *Rhachisaurus brachylepis* (Dixon, 1974)

Teiidae Gray, 1827 (38 / 38)
Teiinae Gray, 1827 (29 / 29)

277. *Ameiva ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758)
278. *Ameiva jacuba* Giugliano, Nogueira, Valdujo, Collevatti e Colli, 2013
279. *Ameiva parecis* (Colli, Costa, Garda, Kopp, Mesquita, Péres, Valdujo, Vieira e Wiederhecker, 2003)
280. *Ameivula abaetensis* (Dias, Rocha e Vrcibradic, 2002)
281. *Ameivula cipoensis* Arias, Carvalho, Zaher e Rodrigues, 2014
282. *Ameivula confusioniba* (Arias, Carvalho, Rodrigues e Zaher, 2011)
283. *Ameivula cyanura* (Arias, Carvalho, Rodrigues e Zaher, 2011)
284. *Ameivula jalapensis* (Colli, Giugliano, Mesquita e França, 2009)
285. *Ameivula littoralis* (Rocha, Araújo, Vrcibradic e Costa, 2000)

286. *Ameivula mumbuca* (Colli, Caldwell, Costa, Gainsbury, Garda, Mesquita, Filho, Soares, Silva, Valdujo, Vieira, Vitt, Werneck, Wiederhecker e Zatz, 2003)
287. *Ameivula nativo* (Rocha, Bergallo e Peccinini-Seale, 1997)
288. *Ameivula nigrigula* (Arias, Carvalho, Rodrigues e Zaher, 2011)
289. *Ameivula ocellifera* (Spix, 1825)
290. *Ameivula venetacauda* (Arias, Carvalho, Rodrigues e Zaher, 2011)
291. *Ameivula xacriaba* Arias, Teixeira Jr., Recoder, Carvalho, Zaher e Rodrigues, 2014
292. *Cnemidophorus cryptus* Cole e Dessauer, 1993
293. *Cnemidphorus gramivagus* McCrystal e Dixon, 1987
294. *Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus, 1758)
295. *Contomastix lacertoides* (Duméril e Bibron, 1839)
296. *Contomastix vacariensis* (Feltrim e Lema, 2000)
297. *Kentropyx altamazonica* (Cope, 1875)
298. *Kentropyx calcarata* Spix, 1825
299. *Kentropyx paulensis* (Boettger, 1893)
300. *Kentropyx pelviceps* Cope, 1868
301. *Kentropyx striata* (Daudin, 1802)
302. *Kentropyx vanzoi* Gallagher e Dixon, 1980
303. *Kentropyx viridistriga* (Boulenger, 1894)
304. *Teius oculatus* (D'Orbigny e Bibron, 1837)
305. *Teius teyou* (Daudin, 1802)

Tupinambinae Bonaparte, 1831 (9 / 9)

306. *Crocodilurus amazonicus* Spix, 1825
307. *Dracaena guianensis* Daudin, 1801
308. *Dracaena paraguayensis* Amaral, 1950
309. *Salvator duseni* Lönnberg *in* Lönnberg e Andersson, 1910
310. *Salvator merianae* (Duméril e Bibron, 1839)
311. *Tupinambis longilineus* Avila-Pires, 1995
312. *Tupinambis palustris* Manzani e Abe, 2002
313. *Tupinambis quadrilineatus* Manzani e Abe, 1997
314. *Tupinambis teguixin* (Linnaeus, 1758)

Amphisbaenia Gray, 1844 (73 / 73)
Amphisbaenidae Gray, 1825 (73 / 73)

315. *Amphisbaena absaberi* (Strüssmann e Carvalho, 2001)
316. *Amphisbaena acrobeles* (Ribeiro, Castro-Mello e Nogueira, 2009)
317. *Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758
318. *Amphisbaena amazonica* Vanzolini, 1951
319. *Amphisbaena anaemariae* Vanzolini, 1997
320. *Amphisbaena anomala* (Barbour, 1914)
321. *Amphisbaena arda* Rodrigues, 2003
322. *Amphisbaena arenaria* Vanzolini, 1991
323. *Amphisbaena bahiana* Vanzolini, 1964
324. *Amphisbaena bedai* (Vanzolini, 1991)
325. *Amphisbaena bilabialata* (Stimson, 1972)
326. *Amphisbaena brasiliana* (Gray, 1865)
327. *Amphisbaena brevis* Strüssmann e Mott, 2009
328. *Amphisbaena caiari* Teixeira Jr., Dal Vechio, Mollo Neto e Rodrigues, 2014
329. *Amphisbaena camura* Cope, 1862
330. *Amphisbaena carli* Pinna, Mendonça, Bocchiglieri e Fernandes, 2010
331. *Amphisbaena carvalhoi* Gans, 1965
332. *Amphisbaena crisae* Vanzolini, 1997
333. *Amphisbaena cuiabana* (Strüssmann e Carvalho, 2001)
334. *Amphisbaena cunhai* Hoogmoed e Avila-Pires, 1991
335. *Amphisbaena darwinii* Duméril e Bibron, 1839
336. *Amphisbaena dubia* Müller, 1924
337. *Amphisbaena frontalis* Vanzolini, 1991
338. *Amphisbaena fuliginosa* Linnaeus, 1758
339. *Amphisbaena hastata* Vanzolini, 1991
340. *Amphisbaena heathi* Schmidt, 1936
341. *Amphisbaena hogei* Vanzolini, 1950
342. *Amphisbaena ibijara* Rodrigues, Andrade e Lima, 2003
343. *Amphisbaena ignatiana* Vanzolini, 1991
344. *Amphisbaena kingii* (Bell, 1833)
345. *Amphisbaena kraoh* (Vanzolini, 1971)
346. *Amphisbaena leeseri* Gans, 1964
347. *Amphisbaena leucocephala* Peters, 1878
348. *Amphisbaena littoralis* Roberto, Brito e Ávila, 2014
349. *Amphisbaena lumbricalis* Vanzolini, 1996
350. *Amphisbaena maranhensis* Gomes e Maciel, 2012
351. *Amphisbaena mensae* Castro-Mello, 2000
352. *Amphisbaena metallurga* Costa, Resende, Teixeira Jr., Dal Vechio e Clemente, 2015
353. *Amphisbaena mertensii* Strauch, 1881
354. *Amphisbaena miringoera* Vanzolini, 1971
355. *Amphisbaena mitchelli* Procter, 1923
356. *Amphisbaena munoai* Klappenbach, 1966
357. *Amphisbaena neglecta* Dunn e Piatt, 1936
358. *Amphisbaena nigricauda* Gans, 1966
359. *Amphisbaena persephone* Pinna, Mendonça, Bocchiglieri e Fernandes, 2014
360. *Amphisbaena pretrei* Duméril e Bibron, 1839
361. *Amphisbaena prunicolor* (Cope, 1885)
362. *Amphisbaena ridleyi* Boulenger, 1890
363. *Amphisbaena roberti* Gans, 1964
364. *Amphisbaena sanctaeritae* Vanzolini, 1994
365. *Amphisbaena saxosa* (Castro-Mello, 2003)
366. *Amphisbaena silvestrii* Boulenger, 1902
367. *Amphisbaena slevini* Schmidt, 1938
368. *Amphisbaena steindachneri* Strauch, 1881
369. *Amphisbaena supernumeraria* Mott, Rodrigues e Santos, 2009
370. *Amphisbaena talisiae* Vanzolini, 1995
371. *Amphisbaena trachura* Cope, 1885
372. *Amphisbaena tragorrhectes* Vanzolini, 1971
373. *Amphisbaena uroxena* Mott, Rodrigues, Freitas e Silva, 2008
374. *Amphisbaena vanzolinii* Gans, 1963
375. *Amphisbaena varia* Laurenti, 1768
376. *Amphisbaena vermicularis* Wagler *in* Spix, 1824
377. *Amphisbaena wiedi* Vanzolini, 1951
378. *Leposternon cerradensis* Ribeiro, Vaz-Silva e Santos-Jr., 2008
379. *Leposternon infraorbitale* (Bertold, 1859)

380. *Leposternon kisteumacheri* Porto, Soares e Caramaschi, 2000
381. *Leposternon maximus* Ribeiro, Nogueira, Cintra, Silva Jr. e Zaher, 2012
382. *Leposternon microcephalum* Wagler *in* Spix, 1824
383. *Leposternon octostegum* (Duméril *in* Duméril e Duméril, 1851)
384. *Leposternon polystegum* (Duméril *in* Duméril e Duméril, 1851)
385. *Leposternon scutigerum* (Hemprich, 1820)
386. *Leposternon wuchereri* (Peters, 1879)
387. *Mesobaena rhachicephala* Hoogmoed, Pinto, Rocha e Pereira, 2009

Serpentes Linnaeus, 1758 (392 / 432)
"Scolecophidia" Cope, 1864 (30 / 30)
Anomalepididae Taylor, 1939 (7 / 7)

388. *Liotyphlops beui* (Amaral, 1924)
389. *Liotyphlops caissara* Centeno, Sawaya e Germano, 2010
390. *Liotyphlops schubarti* Vanzolini, 1948
391. *Liotyphlops ternetzii* (Boulenger, 1896)
392. *Liotyphlops trefauti* Freire, Caramaschi e Argôlo, 2007
393. *Liotyphlops wilderi* (Garman, 1883)
394. *Typhlophis squamosus* (Schlegel, 1839)

Typhlopidae Merrem, 1820 (6 / 6)
Typhlopinae Merrem, 1820 (6 / 6)

395. *Amerotyphlops amoipira* (Rodrigues e Juncá, 2002)
396. *Amerotyphlops brongersmianus* (Vanzolini, 1976)
397. *Amerotyphlops minuisquamus* (Dixon e Hendricks, 1979)
398. *Amerotyphlops paucisquamus* (Dixon e Hendricks, 1979)
399. *Amerotyphlops reticulatus* (Linnaeus, 1758)
400. *Amerotyphlops yonenagae* (Rodrigues, 1991)

Leptotyphlopidae Stejneger, 1892 (17 / 17)
Epictinae Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt e Hedges, 2009 (17 / 17)
Epictini Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt e Hedges, 2009 (17 / 17)

401. *Epictia australis* (Freiberg e Orejas-Miranda, 1968)
402. *Epictia borapeliotes* (Vanzolini, 1996)
403. *Epictia clinorostris* Arredondo e Zaher, 2010
404. *Epictia munoai* (Orejas-Miranda, 1961)
405. *Epictia striatula* (Smith e Laufe, 1945)
406. *Epictia tenella* (Klauber, 1939)
407. *Epictia vellardi* (Laurent, 1984)
408. *Siagonodon acutirostris* Pinto e Curcio, 2011
409. *Siagonodon cupinensis* (Bailey e Carvalho, 1946)
410. *Siagonodon septemstriatus* (Schneider, 1801)
411. *Trilepida brasiliensis* (Laurent, 1949)
412. *Trilepida dimidiata* (Jan, 1861)
413. *Trilepida fuliginosa* (Passos, Caramaschi e Pinto, 2006)
414. *Trilepida jani* (Pinto e Fernandes, 2012)
415. *Trilepida koppesi* (Amaral, 1955)
416. *Trilepida macrolepis* (Peters, 1857)
417. *Trilepida salgueiroi* (Amaral, 1955)

Alethinophidia Hoffstetter, 1955 (362 / 402)
Amerophidia Vidal, Delmas e Hedges, 2007 (4 / 4)
Aniliidae Stejneger, 1907 (1 / 1)

418. *Anilius scytale* (Linnaeus, 1758)

Tropidophiidae Brongersma, 1951 (3 / 3)

419. *Tropidophis grapiuna* Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk e Rodrigues, 2012
420. *Tropidophis paucisquamis* (Müller *in* Schenkel, 1901)
421. *Tropidophis preciosus* Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk e Rodrigues, 2012

Afrophidia Vidal, Delmas e Hedges, 2007 (358 / 398)
Henophidia Hoffstetter, 1939 (12 / 13
Boidae Gray, 1825 (12 / 13)
Boinae Gray, 1825 (12 / 13)

422. *Boa constrictor constrictor* Linnaeus, 1758
423. *Boa constrictor amarali* (Stull, 1932)
424. *Corallus batesii* (Gray, 1860)
425. *Corallus caninus* (Linnaeus, 1758)
426. *Corallus cropanii* (Hoge, 1953)
427. *Corallus hortulanus* (Linnaeus, 1758)
428. *Epicrates assisi* Machado, 1945
429. *Epicrates cenchria* (Linnaeus, 1758)
430. *Epicrates crassus* Cope, 1862
431. *Epicrates maurus* Gray, 1849
432. *Eunectes deschauenseei* Dunn e Conant, 1936
433. *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758)
434. *Eunectes notaeus* Cope, 1862

Caenophidia Hoffstetter, 1939 (346 / 385)
Colubridae Oppel, 1811 (35 / 40)

435. *Chironius bicarinatus* (Wied, 1820)
436. *Chironius brazili* Hamdan e Fernandes, 2015
437. *Chironius carinatus* (Linnaeus, 1758)
438. *Chironius diamantina* Fernandes e Hamdan, 2014
439. *Chironius exoletus* (Linnaeus, 1758)
440. *Chironius flavolineatus* (Jan, 1863)
441. *Chironius foveatus* Bailey, 1955
442. *Chironius fuscus* (Linnaeus, 1758)
443. *Chironius laevicollis* (Wied, 1824)
444. *Chironius laurenti* Dixon, Wiest e Cei, 1993
445. *Chironius maculoventris* Dixon, Wiest e Cei, 1993
446. *Chironius multiventris* Schmidt e Walker, 1943
447. *Chironius quadricarinatus* (Boie, 1827)
448. *Chironius scurrulus* (Wagler *in* Spix, 1824)
449. *Dendrophidion atlantica* Freire, Caramaschi e Gonçalves, 2010
450. *Dendrophidion dendrophis* (Schlegel, 1837)
451. *Drymarchon corais corais* (Boie, 1827)

452. *Drymobius rhombifer* (Günther, 1860)
453. *Drymoluber brazili* (Gomes, 1918)
454. *Drymoluber dichrous* (Peters, 1863)
455. *Leptophis ahaetulla ahaetulla* (Linnaeus, 1758)
456. *Leptophis ahaetulla liocercus* (Wied, 1824)
457. *Leptophis ahaetulla marginatus* (Cope, 1862)
458. *Leptophis ahaetulla nigromarginatus* (Günther, 1866)
459. *Mastigodryas bifossatus* (Raddi, 1820)
460. *Mastigodryas boddaerti boddaerti* (Sentzen, 1796)
461. *Mastigodryas moratoi* Montingelli e Zaher, 2011
462. *Mastigodryas pleei* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
463. *Oxybelis aeneus* (Wagler *in* Spix, 1824)
464. *Oxybelis fulgidus* (Daudin, 1803)
465. *Phrynonax polylepis* (Peters, 1867)
466. *Rhinobothryum lentiginosum* (Scopoli, 1785)
467. *Simophis rhinostoma* (Schlegel, 1837)
468. *Spilotes pullatus pullatus* (Linnaeus, 1758)
469. *Spilotes pullatus anomalepis* Bocourt, 1888
470. *Spilotes sulphureus sulphureus* (Wagler *in* Spix, 1824)
471. *Spilotes sulphureus poecilostoma* (Wied, 1824)
472. *Tantilla boipiranga* Sawaya e Sazima, 2003
473. *Tantilla marcovani* Lema, 2004
474. *Tantilla melanocephala* (Linnaeus, 1758)

Dipsadidae Bonaparte, 1838 (248 / 269)
Dipsadinae Bonaparte, 1838 (55 / 58)
Dipsadini Bonaparte, 1838 (52 / 54)

475. *Atractus albuquerquei* Cunha e Nascimento, 1983
476. *Atractus alphonsehogei* Cunha e Nascimento, 1983
477. *Atractus altagratiae* Passos e Fernandes, 2008
478. *Atractus badius* (Boie, 1827)
479. *Atractus caete* Passos, Fernandes, Bérnils e Moura-Leite, 2010
480. *Atractus caxiuana* Prudente e Santos-Costa, 2006
481. *Atractus edioi* Silva Jr., Silva, Ribeiro, Souza e Souza, 2005
482. *Atractus elaps* (Günther, 1858)
483. *Atractus flammigerus* (Boie, 1827)
484. *Atractus francoi* Passos, Fernandes, Bérnils e Moura-Leite, 2010
485. *Atractus guentheri* (Wucherer, 1861)
486. *Atractus hoogmoedi* Prudente e Passos, 2010
487. *Atractus insipidus* Roze, 1961
488. *Atractus latifrons* (Günther, 1868)
489. *Atractus maculatus* (Günther, 1858)
490. *Atractus major* Boulenger, 1894
491. *Atractus natans* Hoogmoed e Prudente, 2003
492. *Atractus occipitoalbus* (Jan, 1862)
493. *Atractus pantostictus* Fernandes e Puorto, 1994
494. *Atractus paraguayensis* Werner, 1924
495. *Atractus poeppigi* (Jan, 1862)
496. *Atractus potschi* Fernandes, 1995
497. *Atractus reticulatus* (Boulenger, 1885)
498. *Atractus ronnie* Passos, Fernandes e Borges-Nojosa, 2007
499. *Atractus schach* (Boie, 1827)
500. *Atractus serranus* Amaral, 1930
501. *Atractus snethlageae* Cunha e Nascimento, 1983
502. *Atractus spinalis* Passos, Teixeira Jr., Sena, Dal Vechio, Pinto, Mendonça, Cassimiro e Rodrigues, 2013
503. *Atractus surucucu* Prudente e Passos, 2008
504. *Atractus taeniatus* Griffin, 1916
505. *Atractus thalesdelemai* Passos, Fernandes e Zanella, 2005
506. *Atractus torquatus* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
507. *Atractus trihedrurus* Amaral, 1926
508. *Atractus trilineatus* Wagler, 1828
509. *Atractus zebrinus* (Jan, 1862)
510. *Atractus zidoki* Gasc e Rodrigues, 1979
511. *Dipsas albifrons* (Sauvage, 1884)
512. *Dipsas alternans* (Fischer, 1885)
513. *Dipsas bucephala bucéfala* (Shaw, 1802)
514. *Dipsas catesbyi* (Sentzen, 1796)
515. *Dipsas incerta* (Jan, 1863)
516. *Dipsas indica indica* Laurenti, 1768
517. *Dipsas indica petersi* Hoge, 1975
518. *Dipsas pavonina* Schlegel, 1837
519. *Dipsas sazimai* Fernandes, Marques e Argôlo, 2010
520. *Dipsas variegata* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
521. *Ninia hudsoni* Parker, 1940
522. *Sibon nebulatus* (Linnaeus, 1758)
523. *Sibynomorphus lavillai* Scrocchi, Porto e Rey, 1993
524. *Sibynomorphus m. mikanii* (Schlegel, 1837)
525. *Sibynomorphus mikanii septentrionalis* Cunha, Nascimento e Hoge, 1980
526. *Sibynomorphus neuwiedi* (Ihering, 1911)
527. *Sibynomorphus turgidus* (Cope, 1868)
528. *Sibynomorphus ventrimaculatus* (Boulenger, 1885)

Imantodini Myers, 2011 (3 / 4)

529. *Imantodes cenchoa* (Linnaeus, 1758)
530. *Imantodes lentiferus* (Cope, 1894)
531. *Leptodeira annulata annulata* (Linnaeus, 1758)
532. *Leptodeira annulata pulchriceps* Duellman, 1958

Xenodontinae Bonaparte, 1845 (190 / 208)
Amnesteophiini Myers, 2011 (1 / 1)

533. *Amnesteophis melanauchen* (Jan, 1863)

Caaeteboiini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite e Bonatto, 2009 (1 / 1)

534. *Caaeteboia amarali* (Wettstein, 1930)

Echinantherini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite e Bonatto, 2009 (15 / 15)

535. *Echinanthera amoena* (Jan, 1863)
536. *Echinanthera cephalomaculata* Di-Bernardo, 1994
537. *Echinanthera cephalostriata* Di-Bernardo, 1996
538. *Echinanthera cyanopleura* (Cope, 1885)
539. *Echinanthera melanostigma* (Wagler *in* Spix, 1824)

540. *Echinanthera undulata* (Wied, 1824)
541. *Taeniophallus affinis* (Günther, 1858)
542. *Taeniophallus bilineatus* (Fischer, 1885)
543. *Taeniophallus brevirostris* (Peters, 1863)
544. *Taeniophallus nicagus* (Cope, 1895)
545. *Taeniophallus occipitalis* (Jan, 1863)
546. *Taeniophallus persimilis* (Cope, 1869)
547. *Taeniophallus poecilopogon* (Cope, 1863)
548. *Taeniophallus quadriocellatus* Santos-Jr., Di-Bernardo e Lema, 2008
549. *Sordellina punctata* (Peters, 1880)

Elapomorphini Jan, 1862 (40 / 40)

550. *Apostolepis albicollaris* Lema, 2002
551. *Apostolepis ambiniger* (Peters, 1869)
552. *Apostolepis ammodites* Ferrarezzi, Barbo e Albuquerque, 2005
553. *Apostolepis arenaria* Rodrigues, 1992
554. *Apostolepis assimilis* (Reinhardt, 1861)
555. *Apostolepis borelli* Peracca, 1904
556. *Apostolepis cearensis* Gomes, 1915
557. *Apostolepis cerradoensis* Lema, 2003
558. *Apostolepis christineae* Lema, 2002
559. *Apostolepis dimidiata* (Jan, 1862)
560. *Apostolepis dorbignyi* (Schlegel, 1837)
561. *Apostolepis flavotorquata* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
562. *Apostolepis gaboi* Rodrigues, 1992
563. *Apostolepis goiasensis* Prado, 1942
564. *Apostolepis intermedia* Koslowsky, 1898
565. *Apostolepis lineata* Cope, 1887
566. *Apostolepis longicaudata* Gomes *in* Amaral, 1921
567. *Apostolepis nelsonjorgei* Lema e Renner, 2004
568. *Apostolepis nigrolineata* (Peters, 1869)
569. *Apostolepis nigroterminata* Boulenger, 1896
570. *Apostolepis polylepis* Amaral, 1922
571. *Apostolepis quinquelineata* Boulenger, 1896
572. *Apostolepis quirogai Giraudo e Scrocchi, 1998*
573. *Apostolepis serrana* Lema e Renner, 2006
574. *Apostolepis striata* Lema, 2004
575. *Apostolepis tertulianobeui* Lema, 2004
576. *Apostolepis vittata* (Cope, 1887)
577. *Coronelaps lepidus* (Reinhardt, 1861)
578. *Elapomorphus quinquelineatus* (Raddi, 1820)
579. *Elapomorphus wuchereri* Günther, 1861
580. *Phalotris concolor* Ferrarezzi, 1994
581. *Phalotris labiomaculatus* Lema, 2002
582. *Phalotris lativittatus* Ferrarezzi, 1994
583. *Phalotris lemniscatus* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
584. *Phalotris matogrossensis* Lema, D'Agostini e Cappellari, 2005
585. *Phalotris mertensi* (Hoge, 1955)
586. *Phalotris multipunctatus* Puorto e Ferrarezzi, 1994
587. *Phalotris nasutus* (Gomes, 1915)
588. *Phalotris reticulatus* (Peters, 1860)
589. *Phalotris tricolor* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)

Hydrodynastini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite e Bonatto, 2009 (3 / 3)

590. *Hydrodynastes bicinctus* (Herrmann, 1804)
591. *Hydrodynastes gigas* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
592. *Hydrodynastes melanogigas* Franco, Fernandes e Bentin, 2007

Hydropsini Dowling, 1975 (16 / 17)

593. *Helicops angulatus* (Linnaeus, 1758)
594. *Helicops apiaka* Kawashita-Ribeiro, Ávila e Morais, 2013
595. *Helicops carinicaudus* (Wied, 1824)
596. *Helicops gomesi* Amaral, 1922
597. *Helicops hagmanni* Roux, 1910
598. *Helicops infrataeniatus* (Jan, 1865)
599. *Helicops leopardinus* (Schlegel, 1837)
600. *Helicops modestus* Günther, 1861
601. *Helicops polylepis* Günther, 1861
602. *Helicops tapajonicus* Frota, 2005
603. *Helicops trivittatus* (Gray, 1849)
604. *Helicops yacu* Rossman e Dixon, 1975
605. *Hydrops caesurus* Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Ávila e Motte, 2005
606. *Hydrops martii* (Wagler *in* Spix, 1824)
607. *Hydrops triangularis* (Wagler *in* Spix, 1824)
608. *Pseudoeryx plicatilis plicatilis* (Linnaeus, 1758)
609. *Pseudoeryx plicatilis mimeticus* Cope, 1885

Philodryadini Cope, 1886 (14 / 14)

610. *Ditaxodon taeniatus* (Peters *in* Hensel, 1868)
611. *Philodryas aestiva* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
612. *Philodryas agassizii* (Jan, 1863)
613. *Philodryas argentea* (Daudin, 1803)
614. *Philodryas arnaldoi* (Amaral, 1933)
615. *Philodryas georgeboulengeri* Grazziotin, Zaher, Murphy, Scrocchi, Benavides, Zhang e Bonatto, 2012
616. *Philodryas laticeps* Werner, 1900
617. *Philodryas lívida* (Amaral, 1923)
618. *Philodryas mattogrossensis* Koslowsky, 1898
619. *Philodryas nattereri* Steindachner, 1870
620. *Philodryas olfersii* (Liechtenstein, 1823)
621. *Philodryas patagoniensis* (Girard, 1858)
622. *Philodryas psammophidea* Günther, 1872
623. *Philodryas viridissima* (Linnaeus, 1758)

Pseudoboini Bailey, 1967 (37 / 40)

624. *Boiruna maculata* (Boulenger, 1896)
625. *Boiruna sertaneja* Zaher, 1996
626. *Clelia clelia* (Daudin, 1803)
627. *Clelia hussami* Morato, Franco e Sanches, 2003
628. *Clelia plumbea* (Wied, 1820)
629. *Drepanoides anomalus* (Jan, 1863)
630. *Mussurana bicolor* (Peracca, 1904)
631. *Mussurana montana* (Franco, Marques e Puorto, 1997)

632. *Mussurana quimi* (Franco, Marques e Puorto, 1997)
633. *Oxyrhopus clathratus* Duméril, Bibron e Duméril, 1854
634. *Oxyrhopus formosus* (Wied, 1820)
635. *Oxyrhopus guibei* Hoge e Romano, 1978
636. *Oxyrhopus melanogenys melanogenys* (Tschudi, 1845)
637. *Oxyrhopus melanogenys orientalis* Cunha e Nascimento, 1983
638. *Oxyrhopus occipitalis* Wagler *in* Spix, 1824
639. *Oxyrhopus petolarius digitalis* (Reuss, 1834)
640. *Oxyrhopus rhombifer inaequifasciatus* Werner, 1909
641. *Oxyrhopus rhombifer rhombifer* Duméril, Bibron e Duméril, 1854
642. *Oxyrhopus rhombifer septentrionalis* Vellard, 1943
643. *Oxyrhopus trigeminus* Duméril, Bibron e Duméril, 1854
644. *Oxyrhopus vanidicus* Lynch, 2009
645. *Paraphimophis rustica* (Cope, 1878)
646. *Phimophis guerini* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
647. *Phimophis guianensis* (Troschel, 1848)
648. *Pseudoboa coronata* Schneider, 1801
649. *Pseudoboa haasi* (Boettger, 1905)
650. *Pseudoboa martinsi* Zaher, Oliveira e Franco, 2008
651. *Pseudoboa neuwiedii* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
652. *Pseudoboa nigra* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
653. *Pseudoboa serrana* Morato, Moura-Leite, Prudente e Bérnils, 1995
654. *Rhachidelus brazili* Boulenger, 1908
655. *Rodriguesophis chui* (Rodrigues, 1993)
656. *Rodriguesophis iglesiasi* (Gomes, 1915)
657. *Rodriguesophis scriptorcibatus* (Rodrigues, 1993)
658. *Siphlophis cervinus* (Laurenti, 1768)
659. *Siphlophis compressus* (Daudin, 1803)
660. *Siphlophis leucocephalus* (Günther, 1863)
661. *Siphlophis longicaudatus* (Andersson, 1901)
662. *Siphlophis pulcher* (Raddi, 1820)
663. *Siphlophis worontzowi* (Prado, 1940)

Psomophini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite e Bonatto, 2009 (3 / 3)

664. *Psomophis genimaculatus* (Boettger, 1885)
665. *Psomophis joberti* (Sauvage, 1884)
666. *Psomophis obtusus* (Cope, 1864)

Tachymenini Bailey, 1967 (17 / 17)

667. *Calamodontophis paucidens* (Amaral, 1935)
668. *Calamodontophis ronaldoi* Franco, Cintra e Lema, 2006
669. *Gomesophis brasiliensis* (Gomes, 1918)
670. *Ptychophis flavovirgatus* Gomes, 1915
671. *Thamnodynastes almae* Franco e Ferreira, 2003
672. *Thamnodynastes chaquensis* Bergna e Alvarez, 1993
673. *Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860)
674. *Thamnodynastes lanei* Bailey, Thomas e Silva-Jr., 2005
675. *Thamnodynastes longicaudus* Franco, Ferreira. Marques e Sazima, 2003
676. *Thamnodynastes nattereri* (Mikan, 1828)
677. *Thamnodynastes pallidus* (Linnaeus, 1758)
678. *Thamnodynastes ramonriveroi* Manzanilla e Sánchez, 2005
679. *Thamnodynastes rutilus* (Prado, 1942)
680. *Thamnodynastes sertanejo* Bailey, Thomas e Silva-Jr., 2005
681. *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858)
682. *Tomodon dorsatus* Duméril, Bibron e Duméril, 1854
683. *Tomodon ocellatus* Duméril, Bibron e Duméril, 1854

Tropidodryadini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite e Bonatto, 2009 (2 / 2)

684. *Tropidodryas serra* (Schlegel, 1837)
685. *Tropidodryas striaticeps* (Cope, 1870)

Xenodontini Bonaparte, 1845 (38 / 52)

686. *Erythrolamprus aesculapii aesculapii* (Linnaeus, 1766)
687. *Erythrolamprus aesculapii monozona* Jan, 1863
688. *Erythrolamprus aesculapii venustissimus* (Wied, 1821)
689. *Erythrolamprus almadensis* (Wagler *in* Spix, 1824)
690. *Erythrolamprus atraventer* (Dixon e Thomas, 1985)
691. *Erythrolamprus breviceps* (Cope, 1860)
692. *Erythrolamprus carajasensis* (Cunha, Nascimento e Avila-Pires, 1985)
693. *Erythrolamprus cobella* (Linnaeus, 1758)
694. *Erythrolamprus dorsocorallinus* (Esqueda, Natera, La Marca e Ilija-Fistar, 2007)
695. *Erythrolamprus frenatus* (Werner, 1909)
696. *Erythrolamprus jaegeri jaegeri* (Günther, 1858)
697. *Erythrolamprus jaegeri coralliventris* (Boulenger, 1894)
698. *Erythrolamprus maryellenae* (Dixon, 1985)
699. *Erythrolamprus m. miliaris* (Linnaeus, 1758)
700. *Erythrolamprus miliaris amazonicus* (Dunn, 1922)
701. *Erythrolamprus miliaris chrysostomus* (Griffin, 1916)
702. *Erythrolamprus miliaris merremii* (Wied, 1821)
703. *Erythrolamprus miliaris orinus* (Cope, 1868)
704. *Erythrolamprus mimus mimus* (Cope, 1868)
705. *Erythrolamprus mossoroensis* (Hoge e Lima-Verde, 1973)
706. *Erythrolamprus oligolepis* (Boulenger, 1905)
707. *Erythrolamprus poecilogyrus poecilogyrus* (Wied, 1824)
708. *Erythrolamprus poecilogyrus caesius* (Cope, 1862)
709. *Erythrolamprus poecilogyrus schotti* (Schlegel, 1837)
710. *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus* (Cope, 1860)
711. *Erythrolamprus pygmaeus* (Cope, 1868)
712. *Erythrolamprus reginae macrosomus* (Amaral, 1935)
713. *Erythrolamprus reginae semilineatus* (Wagler *in* Spix, 1824)
714. *Erythrolamprus semiaureus* (Cope, 1862)
715. *Erythrolamprus taeniogaster* (Jan, 1863)
716. *Erythrolamprus typhlus typhlus* (Linnaeus, 1758)
717. *Erythrolamprus typhlus brachyurus* (Cope, 1887)
718. *Erythrolamprus typhlus elaeoides* (Griffin, 1916)
719. *Erythrolamprus viridis viridis* (Günther, 1862)
720. *Erythrolamprus viridis praesinus* (Jan e Sordelli, 1866)
721. *Lygophis anomalus* (Günther, 1858)
722. *Lygophis dilepis* (Cope, 1862)
723. *Lygophis flavifrenatus* (Cope, 1862)
724. *Lygophis lineatus* (Linnaeus, 1758)

725. *Lygophis meridionalis* (Schenkel, 1901)
726. *Lygophis paucidens* Hoge, 1953
727. *Xenodon dorbignyi* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
728. *Xenodon guentheri* Boulenger, 1894
729. *Xenodon histricus* (Jan, 1863)
730. *Xenodon matogrossensis* (Scrocchi e Cruz, 1993)
731. *Xenodon merremii* (Wagler *in* Spix, 1824)
732. *Xenodon nattereri* (Steindachner, 1867)
733. *Xenodon neuwiedii* Günther, 1863
734. *Xenodon pulcher* (Jan, 1863)
735. *Xenodon rabdocephalus rabdocephalus* (Wied, 1824)
736. *Xenodon severus* (Linnaeus, 1758)
737. *Xenodon werneri* Eiselt, 1963

Xenodontinae *Incertae sedis* (3 / 3)

738. *Xenopholis scalaris* (Wucherer, 1861)
739. *Xenopholis undulatus* (Jensen, 1900)
740. *Xenopholis werdingorum* Jansen, Álvarez e Köhler, 2009

Dipsadidae *Incertae sedis* (3 / 3)

741. *Cercophis auratus* (Schlegel, 1837)
742. *Lioheterophis iheringi* Amaral, 1935
743. *Uromacerina ricardinii* (Peracca, 1897)

Elapidae Boie, 1827 (33 / 40)
Elapinae Boie, 1827 (33 / 40)

744. *Leptomicrurus collaris collaris* (Schlegel, 1837)
745. *Leptomicrurus narduccii melanotus* Roze e Bernal-Carlo, 1988
746. *Leptomicrurus scutiventris* (Cope, 1870)
747. *Micrurus albicinctus* Amaral, 1926
748. *Micrurus altirostris* (Cope, 1859)
749. *Micrurus annellatus annellatus* (Peters, 1871)
750. *Micrurus averyi* Schmidt, 1939
751. *Micrurus brasiliensis* Roze, 1967
752. *Micrurus corallinus* (Merrem, 1820)
753. *Micrurus decoratus* (Jan, 1858)
754. *Micrurus diana* Roze, 1983
755. *Micrurus filiformis* (Günther, 1859)
756. *Micrurus frontalis* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
757. *Micrurus hemprichii hemprichii* (Jan, 1858)
758. *Micrurus hemprichii ortoni* Schmidt, 1953
759. *Micrurus hemprichii rondonianus* Roze e Silva Jr., 1990
760. *Micrurus ibiboboca* (Merrem, 1820)
761. *Micrurus isozonus* (Cope, 1860)
762. *Micrurus langsdorffi* Wagler *in* Spix, 1824
763. *Micrurus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus, 1758)
764. *Micrurus lemniscatus carvalhoi* Roze, 1967
765. *Micrurus lemniscatus diutius* Burger, 1955
766. *Micrurus lemniscatus helleri* Roze, 1967
767. *Micrurus mipartitus* (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)
768. *Micrurus nattereri* Schmidt, 1952
769. *Micrurus ornatissimus* (Jan, 1858)
770. *Micrurus pacaraimae* Carvalho, 2002
771. *Micrurus paraensis* Cunha e Nascimento, 1973
772. *Micrurus potyguara* Pires, Silva, Feitosa, Prudente, Pereira Filho e Zaher, 2014
773. *Micrurus psyches* (Daudin, 1803)
774. *Micrurus putumayensis* Lancini, 1962
775. *Micrurus pyrrhocryptus* (Cope, 1862)
776. *Micrurus remotus* Roze, 1987
777. *Micrurus silviae* Di-Bernardo, Borges-Martins e Silva, 2007
778. *Micrurus spixii spixii* Wagler *in* Spix, 1824
779. *Micrurus spixii martiusi* Schmidt, 1953
780. *Micrurus spixii obscurus* Harvey, Aparicio e González, 2003
781. *Micrurus surinamensis* (Cuvier, 1817)
782. *Micrurus tricolor* Hoge, 1956
783. *Micrurus tykuna* Feitosa, Silva Jr., Pires, Zaher e Prudente, 2015

Viperidae Oppel, 1811 (30 / 36)
Crotalinae Oppel, 1811 (30 / 36)

784. *Bothrocophias hyoprora* (Amaral, 1935)
785. *Bothrocophias microphthalmus* (Cope, 1875)
786. *Bothrops alcatraz* Marques, Martins e Sazima, 2002
787. *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron e Duméril, 1854
788. *Bothrops atrox* (Linnaeus, 1758)
789. *Bothrops bilineatus bilineatus* (Wied, 1821)
790. *Bothrops bilineatus smaragdinus* Hoge, 1966
791. *Bothrops brazili* Hoge, 1954
792. *Bothrops cotiara* (Gomes, 1913)
793. *Bothrops diporus* Cope, 1862
794. *Bothrops erythromelas* Amaral, 1923
795. *Bothrops fonsecai* Hoge e Belluomini, 1959
796. *Bothrops insularis* (Amaral, 1922)
797. *Bothrops itapetiningae* (Boulenger, 1907)
798. *Bothrops jararaca* (Wied, 1824)
799. *Bothrops jararacussu* Lacerda, 1884
800. *Bothrops leucurus* Wagler *in* Spix, 1824
801. *Bothrops lutzi* (Miranda-Ribeiro, 1915)
802. *Bothrops marajoensis* Hoge, 1966
803. *Bothrops marmoratus* Silva e Rodrigues, 2008
804. *Bothrops mattogrossensis* Amaral, 1925
805. *Bothrops moojeni* Hoge, 1966
806. *Bothrops muriciensis* Ferrarezzi e Freire, 2001
807. *Bothrops neuwiedi* Wagler *in* Spix, 1824
808. *Bothrops otavioi* Barbo, Grazziotin, Sazima, Martins e Sawaya, 2012
809. *Bothrops pauloensis* Amaral, 1925
810. *Bothrops pirajai* Amaral, 1923
811. *Bothrops pubescens* (Cope, 1870)
812. *Bothrops taeniatus* Wagler *in* Spix, 1824
813. *Crotalus durissus cascavella* Wagler *in* Spix, 1824
814. *Crotalus durissus collilineatus* Amaral, 1926
815. *Crotalus durissus dryinas* Linnaeus, 1758
816. *Crotalus durissus marajoensis* Hoge, 1966
817. *Crotalus durissus ruruima* Hoge, 1966
818. *Crotalus durissus terrificus* (Laurenti, 1768)
819. *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766)

60 anos do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul: feliz aniversário?

Roberto Baptista de Oliveira[1]

[1] *Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Seção de Zoologia de Vertebrados. Rua Doutor Salvador França, 1.427, Jardim Botânico, CEP 90690-000, Porto Alegre, RS, Brasil.*

O Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, uma das mais importantes instituições de pesquisa em biodiversidade do Estado e do País, completou 60 anos de existência em novembro de 2015. Mas os motivos para comemorar são poucos, pois, embora de importância amplamente reconhecida pela comunidade científica, acadêmica e por grande parte da sociedade gaúcha, infelizmente a instituição não goza do mesmo reconhecimento pelo Governo do Estado.

O Museu de Ciências Naturais foi criado em 05 de novembro de 1955, por meio da Lei Estadual Nº 2.728, sob a denominação de Museu Riograndense de Ciências Naturais. Sua criação deu-se a partir da iniciativa de três dos mais importantes naturalistas do Estado, o Padre Balduino Rambo, Ludwig Buckup e o herpetólogo Thales de Lema, sendo as primeiras peças do seu acervo originárias do Museu Estadual Júlio de Castilhos.

Em 20 de dezembro de 1972, por meio da Lei Estadual Nº 6497, foi fundada a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB), a qual congregou três instituições já existentes, o Jardim Botânico (fundado em 1958), o Parque Zoológico (fundado em 1962) e o Museu Riograndense de Ciências Naturais, que, a partir de então, passou a ser denominado Museu de Ciências Naturais (MCN). Após passar por diferentes órgãos da administração estadual, a Fundação Zoobotânica encontra-se hoje vinculada à Secretaria Estadual do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMA).

O Jardim Botânico (JB) possui atualmente uma área de 39 hectares, destinada principalmente à conservação de espécies vegetais nativas e ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul (RS), onde são mantidas coleções de espécimes vivos e um banco de sementes da flora do Estado. Dentre as atividades realizadas, destacam-se a pesquisa científica, a propagação e o cultivo de plantas, as expedições de exploração botânica e a educação ambiental. Inserido na área urbana de Porto Alegre, o JB constitui-se em uma das principais áreas verdes de lazer da capital gaúcha, tendo recebido em 2015 o certificado de "Categoria A" pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos, junto a outros três jardins botânicos brasileiros. A FZB, por meio do JB e do MCN, é responsável pela coordenação, elaboração e atualização da lista das espécies da flora ameaçadas de extinção no RS, oficializada por meio do Decreto Estadual Nº 52.109. A lista constante do Decreto foi elaborada a partir de avaliação feita por especialistas de diversas instituições brasileiras e internacionais, sob a coordenação de pesquisadores do JB e MCN.

O Parque Zoológico (PZ) está localizado no município de Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre, possuindo uma área de 160 hectares, onde são mantidos mais de 1.000 exemplares de aproximadamente 130 espécies da fauna provenientes de diversos continentes. O PZ também mantém a Reserva Florestal Padre Balduino Rambo, com 620 hectares, e abriga um Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), que atende mais de 1.200 animais por ano. Além de manter e reproduzir espécies animais, incluindo algumas ameaçadas de extinção, o PZ promove difusão cultural e oferece um amplo espaço de recreação e lazer para a sociedade gaúcha e os turistas que visitam o Rio Grande do Sul.

O Museu de Ciências Naturais fica situado junto à sede administrativa da FZB, no interior do Jardim Botânico. Tem por finalidade a preservação do patrimônio natural, promovendo a pesquisa, projetos e ações de conservação da biodiversidade e atividades de educação ambiental. É responsável pela manutenção de coleções científicas botânicas, zoológicas e paleontológicas, as quais reúnem em seu acervo mais de 500 mil peças, incluindo centenas de espécimes-tipo. O valor histórico e científico desse acervo é imensurável, pois, para muitos grupos taxonômicos, as coleções científicas do MCN abrigam os mais antigos registros e os principais testemunhos da biodiversidade do Rio Grande do Sul, os quais vêm subsidiando há décadas pesquisas nas áreas de sistemática, taxonomia, biologia, ecologia e conservação de espécies. As coleções de anfíbios (com cerca de 14.000 espécimes) e de répteis (com cerca de 17.500 espécimes), por exemplo, são as mais antigas e estão entre as principais coleções do Rio Grande do Sul e do Brasil, incluindo em seu acervo a maior parte dos exemplares utilizados nas pesquisas e publicações de importantes naturalistas, como Pedro Canísio Braun (anfíbios) e Thales de Lema (répteis), que foram pesquisadores do MCN e impulsionaram o conhecimento da herpetofauna do Estado.

O MCN desempenha ainda várias outras atividades, que incluem a organização de exposições de curta e longa duração, o assessoramento aos órgãos de gestão ambiental do Estado e a formação e qualificação de recursos humanos por meio da orientação de bolsistas de ensino superior e promoção de cursos de capacitação oferecidos a professores de ensino fundamental e médio, bem como a agentes públicos cujas atribuições envolvem o manejo de fauna, entre outras. A FZB, por meio do MCN, é responsável pela coordenação, elaboração e atualização da lista das espécies da fauna ameaçadas de extinção no RS, oficializada por meio do Decreto Estadual Nº 51.797. A lista

constante do Decreto foi elaborada a partir de avaliação feita por 129 especialistas de mais de 40 instituições brasileiras e internacionais, sob a coordenação de pesquisadores do MCN. O MCN também mantém o Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), responsável por serpentário onde são mantidas mais de 300 serpentes vivas destinadas à extração de veneno para produção de soro antiofídico (pelo Instituto Vital Brazil/RJ) e para a prospecção de princípios ativos com potencial medicinal. Adicionalmente, o MCN é responsável pela edição de dois periódicos científicos, Iheringia Série Zoologia e Iheringia Série Botânica, ambos indexados e de projeção internacional, publicados desde 1957 e 1958, respectivamente.

A FZB vem tendo, ao longo de sua existência, um papel fundamental no sistema ambiental do Estado, elaborando zoneamentos ambientais, planos de manejo de unidades de conservação, laudos técnicos, manuais de boas práticas de produção agropecuária e publicações diversas sobre biodiversidade, entre outras. Além disso, mantém convênios de cooperação com universidades e agências de fomento à pesquisa para a formação de recursos humanos em pesquisa e difusão, por meio de bolsas de iniciação e estágios curriculares.

Entretanto, a história e o alcance das atividades executadas pela FZB, muitas das quais de extrema relevância e estratégicas para a conservação da biodiversidade, parecem nada significar ao atual Governo do Rio Grande do Sul, visto que, invocando a grave crise financeira do Estado como justificativa, encaminhou à Assembleia Legislativa projeto de lei (PL 300/2015) que prevê a extinção da FZB e a demissão de todos os seus funcionários. O projeto, que faz parte do pacote de ajuste fiscal que visa reduzir custos do Estado, foi encaminhado em 07 de agosto de 2015 em regime de urgência, ou seja, para apreciação e votação em 30 dias, juntamente com projetos prevendo a extinção de outras duas fundações públicas (Fundação Estadual de Produção e Pesquisa em Saúde e a Fundação de Esporte e Lazer do RS). Mesmo considerando a gravidade da situação financeira do Estado, o PL 300 reflete o total descaso do atual Governo com a conservação da biodiversidade e a pesquisa, ou, no mínimo, mostra que este não tem nenhum conhecimento ou consciência sobre a importância da instituição. Prova disso é que o texto do PL 300 sequer informa quais os planos do Governo para as pesquisas desenvolvidas na FZB, para as atribuições e serviços prestados, e nem mesmo qual o destino do seu acervo científico. O pensamento do Governo ficou ainda mais evidente quando seu representante manifestou, por ocasião do anúncio das medidas encaminhadas ao Poder Legislativo, que seriam removidos alguns "armários desnecessários" da administração pública, referindo-se às fundações com proposta de extinção. Adicionalmente, a justificativa elaborada pelo Governo para encaminhamento do PL 300/2015 foi sustentada basicamente na economia de recursos, argumento que se mostra insatisfatório quando analisados alguns dados. O orçamento anual da FZB representa menos de 0,05% do orçamento do Estado, sendo que a instituição arrecada cerca de 72% do valor de seu custeio, ou seja, a aludida economia é insignificante frente às contas estaduais. Destaca-se também que a FZB é uma fundação pública de direito privado, ou seja, tem autonomia para captar recursos financeiros próprios; nos últimos cinco anos foram captados mais de três milhões de reais, apenas com projetos de pesquisa científica. Adicionalmente, a FZB ajudou a arrecadar para o Estado mais de 880 milhões de reais, apenas em dois grandes projetos de cooperação internacional (Pró-Guaíba e Conservação da Mata Atlântica no RS).

Embora desprezada pelo atual Governo do Estado, a FZB tem sua importância reconhecida por diversas organizações não governamentais, por instituições acadêmicas e de pesquisa, por associações e sociedades científicas do Brasil e do exterior, bem como pela comunidade em geral, tendo em vista o grande apoio recebido. Foram centenas de e-mails, cartas e mensagens recebidos. O número de participantes nos eventos e manifestações realizados em prol da FZB foi impressionante, destacando-se o "abraço à FZB", que reuniu centenas de pessoas em um abraço simbólico à instituição (Figura 1), e na audiência pública promovida pela Assembleia Legislativa, quando o seu maior auditório foi totalmente ocupado por defensores e simpatizantes da FZB. A grande pressão da sociedade levou o Governo a recuar e retirar o regime de urgência do PL 300. Apesar do recuo, o projeto ainda tramita na Assembleia Legislativa e o risco de extinção da FZB permanece. No momento em que este texto é escrito, um grupo de trabalho criado pelo Governo do Estado organiza uma nova proposta para a FZB, mas o conteúdo e as diretrizes da mesma são mantidos em segredo e o futuro da instituição e do MCN permanece incerto.

O caso da FZB reflete claramente o valor que é dado à pesquisa e à conservação da biodiversidade e do meio ambiente pelos gestores públicos em geral. Se a intenção do Governo do RS se concretizar, infelizmente teremos como resultado o desmonte do sistema ambiental do Estado. Hoje, a política de meio ambiente proposta pelo Governo estadual limita-se à aceleração dos processos de licenciamento ambiental, de forma a ampliar investimentos no RS, conforme claramente manifestado pelos seus representantes. Neste momento, quando o Brasil vive o pior desastre ambiental da sua história, ocorrido na região de Mariana, em Minas Gerais, decorrente certamente de falhas em um empreendimento de mineração, e que afetará (e possivelmente inviabilizará) a vida das pessoas em várias cidades,



Figura 1: Abraço à Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, manifestação contra a extinção da instituição realizada em 11 de agosto de 2015. Foto: Adriano Becker.

questiona-se até quando o valor econômico prevalecerá sobre o valor ambiental. Esperamos que o modelo de gestão ambiental proposto pelo atual Governo gaúcho, onde a pesquisa e a conservação da biodiversidade são apenas "armários velhos", contrarie um dos versos mais imponentes do hino do Rio Grande do Sul, "Sirvam nossas façanhas de modelo a toda Terra", e efetivamente não seja modelo a nenhum gestor.

AGRADECIMENTOS

A Glayson Ariel Bencke, pela revisão do texto e sugestões. A Adriano Becker pela disponibilização da foto. A todos os pesquisadores, professores, acadêmicos, ONGs, entidades e membros da comunidade que manifestaram apoio à Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.



Chironius scurrulus, Gaucha do Norte, MT. Foto: Reuber Brandão.

Hydrops caesurus (Reptilia, Serpentes, Dipsadidae): new records and evidences of habitat use and diet in the Brazilian Pantanal

Samuel Duleba[1], Luiz Vicente da Silva Campos Filho[2], Christine Strüssmann[3,*]

[1] *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Avenida Costa e Silva, s/n, Cidade Universitária, CEP 79070-900, Campo Grande, MS, Brasil.*
[2] *Pouso Alegre Lodge. Rodovia Transpantaneira, km 33, Poconé, MT, Brasil.*
[3] *Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Ciências Básicas e Produção Animal. Avenida Fernando Correia da Costa, 2.367, Boa Esperança, CEP 78060-900, Cuiabá, MT, Brasil.*
[*] *Corresponding author: christrussmann@gmail.com*

Hydrops caesurus Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Ávila & Motte 2005 was described from localities in subtropical to temperate areas of Paraguay-Paraná and Plata River basins. Specimens in the type series were obtained from diverse aquatic habitats in western Brazil, Argentina and Paraguay, between 19°00' and 28°30'S (Scrocchi et al., 2005). An additional record for Argentina, mentioned in Etchepare et al. (2012), falls within this range.

In Brazil, representatives of this aquatic snake were previously recorded only in the southern portion of the Pantanal wetlands, in the state of Mato Grosso do Sul. Known range in that state (Scrocchi *et al.*, 2005) extends from the vicinities of urban areas in Miranda, Ladário, and Corumbá, to Acurizal Ranch, a private reserve situated in the Precambrian massif Serra do Amolar, in the northernmost limits of the huge municipality of Corumbá.

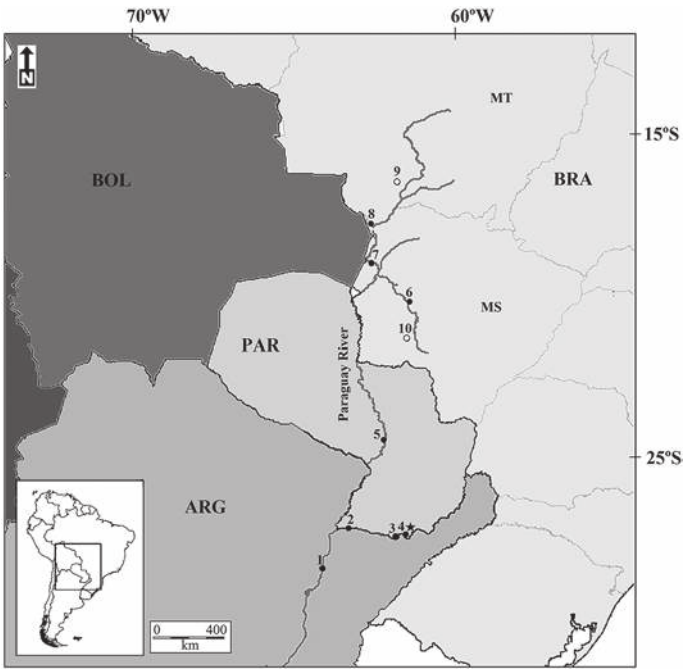

Figure 1: Locality records of *Hydrops caesurus* in Argentina (ARG), Paraguay (PAR), and Brazil (BRA), in the states of Mato Grosso (MT) and Mato Grosso do Sul (MS). Star: type-locality (Departamento Itapúa, Isla Paloma, Canal de los Jesuitas). Solid circles: literature records (1 – Corrientes: Bella Vista; 2 – Corrientes: Arroyo Carambola, Esteros de Iberá, Departamento San Miguel; 3 – Corrientes: Puerto Tala, Isla Apipé Grande; 4 – Departamento Itapúa, Complejo Isla Yacyreta; 5 – Departamento Pte. Hayes, Paraguay River, 14 km S from Puerto Rosario; 6 – Miranda; 7 – Ladário; 8 – Serra do Amolar, municipality of Corumbá. Sources: Scrocchi *et al.*, 2005; Etchepare *et al.*, 2012). Open circles: new Brazilian records reported herein (9 – Poconé; 10 – Jardim).

In the southern Pantanal, individuals of *Hydrops caesurus* have been recorded also by tourists and local staff (S. Duleba, *pers. obs.*) during underwater observation sessions in the lodge "Recanto Ecológico Rio da Prata" (21°26'18"S; 56°26'43"W; municipality of Jardim, Mato Grosso do Sul, ca. 130 km south of Miranda). Thus, Jardim is the first new locality we here record for the species.

On 30 April 2009, an adult specimen of *H. caesurus* (not sexed; snout-vent length 388 mm; tail length 69 mm; 28 g; unvouchered) was found at Pouso Alegre Lodge (16°32'24"S; 56°43'27"W), municipality of Poconé, in the Brazilian state of Mato Grosso. A second specimen (adult male, snout-vent length 380 mm; tail length 105 mm; 22 g) was found approximately one year later, on 26 April 2010, almost exactly in the same location (see below). This latter specimen was collected under permit IBAMA/SISBIO 13429-1, and deposited at the "Coleção Zoológica de Vertebrados da Universidade Federal de Mato Grosso" (Cuiabá, Mato Grosso, Brazil), under accession number UFMT 8684.

The main entrance to Pouso Alegre Lodge is located near km 33 of the "Transpantaneira", an unpaved road (MT 060) crossing the northern portion of the Pantanal wetlands. Pouso Alegre is situated nearly 170 km northeast of Acurizal Ranch and can be considered as the northernmost record of the species (Figure 1).

At Pouso Alegre Lodge, both individuals of *H. caesurus* were found amidst a dense stand of *Bromelia* sp. (Bromeliaceae), in a patch of permanent dry deciduous forest situated between a seasonally flooded open savanna – almost completely dried on both occasions – and a semi-deciduous forest, still flooded (Figure 2). Seasonally flooded habitats in the area become inundated annually, from December to May-June, mainly due to overflows of the Cuiabá River – the main tributary of Paraguay River in the northern Pantanal – after the onset of the rainy

season. Figure 2B shows a partial view of the unexpected permanently dry habitat in which *H. caesurus* was recorded for the first time in the northern Pantanal.

In the original description of *H. caesurus,* Scrocchi *et al.* (2005) stated that feeding habits of the new species were unknown. Nevertheless, Marques *et al.* (2005) assumed them to be based on fishes, and pictorially represented this in a field guide on the snakes of the Pantanal, in which the species was treated as *Hydrops* sp. This assumption was probably based in published data for the congeners *Hydrops martii* (Wagler, 1824) and *Hydrops triangularis* (Wagler, 1824), as in Cunha and Nascimento (1993) and Albuquerque and Camargo (2004).

On 21 January 2007, a specimen of *H. caesurus* was photographed underwater while constricting the anterior portion



Figure 2: Habitats at Pouso Alegre Lodge (Poconé municipality, state of Mato Grosso), a new locality record for *Hydrops caesurus* in the Brazilian Pantanal; A) seasonally flooded savannah contacting northwestwards the site shown in "B"; B) permanently dry deciduous forest, with dense stands of *Bromelia* sp., where two specimens of *H. caesurus* were found in subsequent years; C) seasonally flooded semideciduous forest contacting southeastwards the site shown in "B". This area remained inundated a little longer than "A".

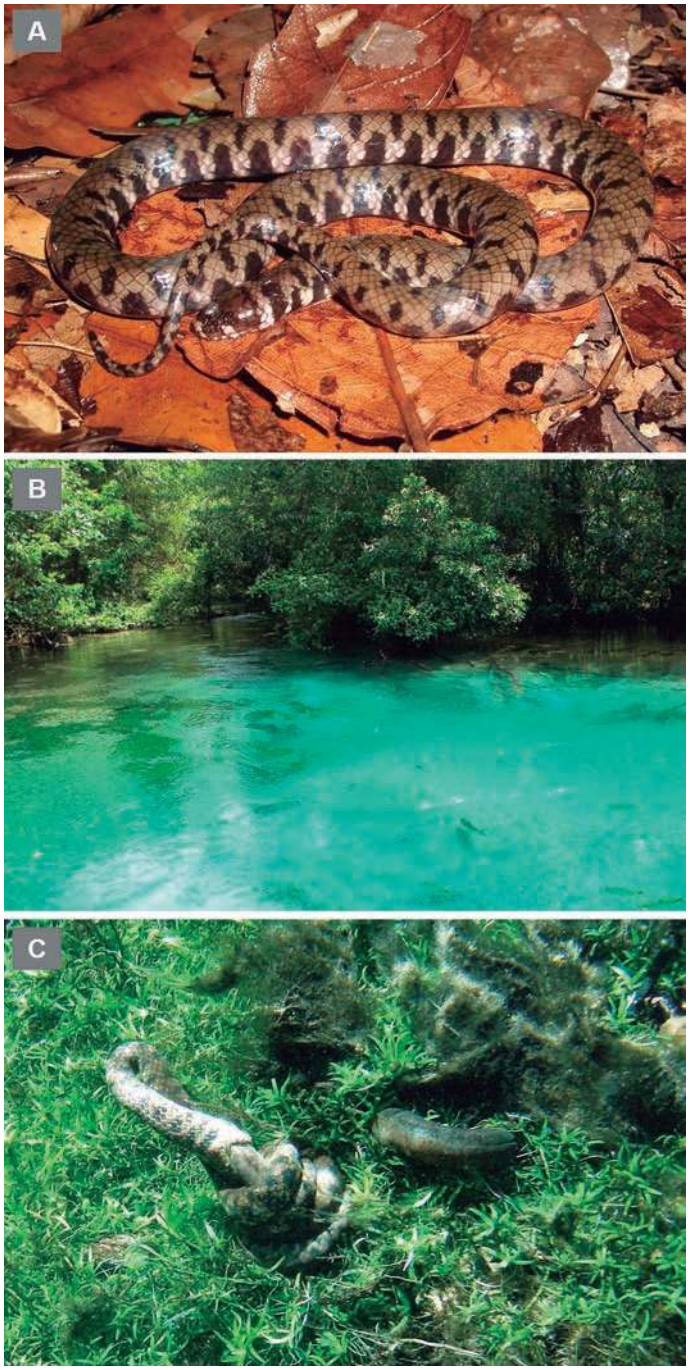

Figure 3: A) Adult specimen of *Hydrops caesurus* (Pouso Alegre Lodge, Poconé, Mato Grosso); B) "Olho d'Água" spring, at "Recanto Ecológico Rio da Prata" (Jardim municipality, state of Mato Grosso do Sul), southern Brazilian Pantanal; C) an individual of *H. caesurus* constricting and beginning to swallow an eel *Synbranchus* sp. amidst a dense stand of macrophytes and algae at the bottom of "Olho d'Água" spring.

of the body of a synbranchid eel (*Synbranchus* sp.). The photo was taken at "Recanto Ecológico Rio da Prata" (Jardim, Mato Grosso do Sul), in a small lake originating from a spring locally known as "Olho d'Água" (21°26'18"S; 56°26'43"W; Figure 3), in the headwaters of Rio da Prata. This is a left-bank tributary of the Miranda River and belongs to the Paraguay River Basin, to which the species is restricted until now.

Water temperature is nearly constant throughout the year (around 24°C) at "Olho d'Água", and maximum depth is 250 cm. The bottom of the lake – particularly along the banks – is covered by dense stands of macrophytes, filamentous algae and mosses, providing shelter and food for a number of aquatic organisms, which includes freshwater eels of the families Synbranchidae and Gymnotidae. Species composition and structure of the vegetation in the typically clean, calcium bicarbonate springs from the Bodoquena limestone plateau – including the "Olho d'Água" lake – were described and illustrated in detail by Scremin-Dias *et al.* (1999).

The snake and its prey (Figure 3C) were interacting at the bottom of the lake, near the base of the bank, at a depth of about 70 cm, in highly transparent water and amidst a submersed stand of macrophytes, predominantly *Heteranthera zosterifolia* Mart. (Pontederiaceae). Although we have no information if the snake actually completed the ingestion of its prey, one of us subsequently witnessed other similar predation attempts, involving the same predator-prey pair of species. On 12 distinct occasions, individuals of *H. caesurus* were observed at "Olho d'Água" while foraging amidst submersed macrophytes, from where individuals of *Synbranchus* sp. were occasionally observed to flee (S. Duleba, *pers. obs.*).

Although evidence is still scarce for *H. caesurus,* diet for this species seems to be similar to that of *H. triangularis,* regarded by Scartozzoni (2009) as a specialist in elongate, eel-like freshwater fishes (Synbranchiformes). According to the same author, diet is probably composed predominantly of synbranchiforms in the ancestor of the tribe Hydropsini, a well-supported clade to which *Hydrops* belongs, together with *Helicops* and *Pseudoeryx* (Grazziotin *et al.,* 2012).

In spite of the fact that *Hydrops* occupies a basal position in the tribe, its diet is not conservative among the three species presently comprising the genus. While *Hydrops triangularis* and *H. caesurus* are synbranchiform specialists, individuals of *H. martii* are reported to feed on a more variable set of fish types, including siluriforms (Callichthyidae, Pimelodidae), characiforms (Erythrinidae), and gymnotiforms (Cunha and Nascimento, 1993; Albuquerque and Camargo, 2004; Scartozzoni, 2009).

The finding of an aquatic snake crawling on land in a permanently dry habitat deserves some additional comments. Both encounters of *H. caesurus* in a dry deciduous forest at Pouso Alegre Lodge occurred during a period of lowering water – known as "vazante" in the Pantanal wetlands. Exactly in the same location, an individual of the Large-Headed Pantanal Swamp Turtle [*Acanthochelys macrocephala* (Rhodin, Mittermeier & McMorris 1984), Chelidae], was found in the beginning of a rainy season (December 2009; L.V. Campos Filho, *pers. obs.*), under heavy rain. Evidence of migratory movements across permanently dry habitats, both at the beginning and at the end of the rainy season, has also been found among aquatic amphibians in the Pantanal, such as those in the genera *Pseudis* and *Lysapsus* (Hylidae, Pseudinae) (Rodrigues *et al.,* 2011; C. Strüssmann, *pers. obs.*). The two individuals of *H. caesurus* were possibly also encountered while on their way from a drying aquatic habitat to a still-flooded one, in an attempt to find a suitable aquatic habitat to survive the drought. Migratory movements across very distinct habitats or among habitats with distinct hydroperiods should be further investigated among aquatic vertebrates in the Pantanal, in order to assess the levels of interdependence of these habitats and to subsidize conservation planning.

ACKNOWLEDGEMENTS

We thank to "Recanto Ecológico Rio da Prata" farm for facilities and for the picture appearing in Figure 3C; to Emiko K. Resende and José Sabino for fish identification, and to Vivian Ribeiro Baptista-Maria for macrophyte identification. Two anonymous reviewers made valuable suggestions to improve the text, T. Figueras-Dorado helped with the map and J. Himmelstein helped to refine use of the English language. Fieldwork in northern Pantanal was partially supported by "Centro de Pesquisa do Pantanal" (CPP) and "Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas" (INAU/MCT). SD and CS thank "Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico" (CNPq) for a Master's scholarship and a research fellowship (process 309541/2012-3), respectively.

REFERENCES

Albuquerque, N.R. and M. Camargo. 2004. Hábitos alimentares e comentários sobre a predação e reprodução das espécies do gênero *Hydrops* Wagler, 1830 (Serpentes: Colubridae). *Comun. Mus. Ci. PUCRS, sér. Zool.* 17, 21-32.

Cunha, O.R. and F.P. Nascimento. 1993. Ofídios da Amazônia: as cobras da região leste do Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Zool.* 9, 1-191.

Etchepare, E., V. Zaracho, R. Semhan, and R. Aguirre. 2012. Further notes on the reproduction of *Hydrops caesurus* (Serpentes: Colubridae) from Corrientes, Argentina. *Herpetology Notes* 5, 169-170.

Grazziotin, F.G., H. Zaher, R.W. Murphy, G. Scrocchi, M.A. Benavides, Y.-P. Zhang, and S.L. Bonatto. 2012. Molecular phylogeny of the New World Dipsadidae (Serpentes: Colubroidea): a reappraisal. *Cladistics* 1, 1-23.

Marques, O.A.V., A. Eterovick, C. Strüssmann, and I. Sazima. 2005. *Serpentes do Pantanal – Guia Ilustrado.* Ribeirão Preto: Holos.

Rodrigues, E.A.S., H. Perotto-Baldivieso, W.M. Tomás, T. Mott, and C. Strüssmann. 2011. Migrações terrestres de anuros aquáticos no Pantanal da Nhecolândia, Brasil: influência de fatores abióticos e considerações sobre conectividade entre hábitats. *In: Anais do IX Congresso Latinoamericano de Herpetologia,* 2011, Curitiba, Paraná, Brasil. Curitiba: Sociedade Brasileira de Herpetologia.

Scartozzoni, R.R. 2009. *Estratégias reprodutivas e ecologia alimentar de serpentes aquáticas da tribo Hydropsini (Dipsadidae, Xenodontini).* PhD Thesis, Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil.

Scremin-Dias, E., V.J. Pott, R.C. Hora, and P.R. Souza. 1999. *Nos Jardins Suspensos da Bodoquena – Guia para Identificação de Plantas Aquáticas de Bonito e Região.* Campo Grande: Editora da UFMS.

Scrocchi, G.J., V.L. Ferreira, A.R. Giraudo, R.W. Ávila, and M. Motte. 2005. A new species of *Hydrops* (Serpentes: Colubridae: Hydropsini) from Argentina, Brazil and Paraguay. *Herpetologica* 61, 468-477.

Predation of *Ameivula nativo* (Squamata: Teiidae) by *Gampsonyx swainsonii* (Accipitriformes: Accipitridae) in Espírito Santo, Brazil

Diogo Andrade Koski[1], Gustavo Soares de Oliveira[2], Aline P. Valadares Koski[3], Henrique C. Costa[4,*]

[1] *Instituto de Ciências Biológicas, Políticas e Sociais "Dom Vasco Fernandes Coutinho" IVAFEC-ES. Rua Castro Alves, 80, Bairro Garoto, CEP 29120-610, Vila Velha, ES, Brasil.*
[2] *Rua Chafic Murad, 106, Bento Ferreira, CEP 29050-600, Vitória, ES, Brasil.*
[3] *Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Desenvolvimento Sustentável, Centro Técnológico. Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, CEP 29075-910, Vitória, ES, Brasil.*
[4] *Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Departamento de Zoologia. Avenida Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil.*
* *Corresponding author: ccostah@gmail.com*

Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997) is a unisexual lizard species endemic to restinga habitats (coastal sand dunes) in Espírito Santo and Bahia states, eastern Brazilian coast (Menezes and Rocha, 2013). It was recently included in the Brazilian red list of threatened species as "Endangered", due to its habitat specificity and estimated loss of 50% of its area of occupancy, with possible extinction of some subpopulations (ICMBio, 2014; MMA, 2014). *Ameivula nativo* is also considered as "Vulnerable" in the state of Espírito Santo (Espírito Santo, 2005).

Natural history information on *Ameivula nativo* is restricted to three populations: its type-locality (Linhares, state of Espírito Santo) (Bergallo and Rocha 1993 [as *Cnemidophorus ocellifer*]); Parque Estadual Paulo César Vinha (Guarapari, Espírito Santo) (Peloso and Pavan, 2007; Peloso *et al.,* 2008); and Prado, state of Bahia (Menezes *et al.,* 2004a, b, 2008). So far, only the lizard *Tropidurus torquatus* and the snake *Philodryas patagoniensis* were recorded as predators of *A. nativo* (Peloso and Pavan, 2007). Here we record the predation of *A. nativo* by a third species, *Gampsonyx swainsonii* (Aves: Accipitriformes: Accipitridae).

The Pearl kite (*G. swainsonii*) is a monotypic kite species occurring from Nicaragua to Paraguay, Argentina and Brazil (Ferguson-Lees and Christie, 2001). Its habitats include a variety of vegetation types, from gallery forests to savannas, and natural clearings (Sick, 1997; Ferguson-Lees and Christie, 2001). The diet of Pearl kites consists of insects, small lizards, mammals and birds (Oniki, 1995; Sick, 1997; Ferguson-Lees and Christie, 2001).

The predation event was observed during an avifaunal survey at Parque Estadual Paulo César Vinha (PEPCV), a large undisturbed restinga in Guarapari, state of Espírito Santo, southeastern of Brazil (20°35 S; 40°24 W; near sea level). On 26 March 2015, 11h15, GSO was observing a Pearl kite (*G. swainsonii*) perched on a tree when suddenly the bird flew to the ground. Afterwards, the kite flew to an electric cable with a specimen of *A. nativo* in its beak (Figure 1). The lizard was eviscerated and partially eaten by the bird. About three minutes after, the kite flew away carrying the lizard in its claws.

The lizard could be identified as an individual of *A. nativo* because of its overall teiid morphology and its color pattern of olive and black with thin light stripes (Rocha *et al.,* 1997). Besides, *A. nativo* is the only species of *Ameivula* occurring in the coast of Espírito Santo (Menezes and Rocha, 2013).

Predation events concerning species of *Ameivula* (formerly part of *Cnemidophorus* [Harvey *et al.* 2012]) are largely based on *A. ocellifera*. This can be explained by *A. ocellifera* being the most widespread species of the genus and that most species of *Ameivula* were described in the last few years (Costa and Bérnils, 2014). Known predators of *Ameivula* are mostly snakes, but also birds, invertebrates, and lizards, including conspecifics (e.g., Vitt and Vangilder, 1983; Michaud and Dixon, 1989;



Figure 1: A Pearl Kite (*Gampsonyx swainsonii*), holding a lizard *Ameivula nativo* it captured in the restinga of Parque Estadual Paulo César Vinha, municipality of Guarapari, state of Espírito Santo, southeastern Brazilian coast. Photo: GSO.

Lira-da-Silva, 2009; Gogliath *et al.,* 2010; Sales *et al.,* 2010; Mesquita *et al.,* 2013; Gaiarsa *et al.,* 2013). Besides reporting for the first time a bird as predator of *A. native,* our observation adds *Gampsonyx swainsonii* as a predator of the genus *Ameivula*.

ACKNOWLEDGEMENTS

HCC is funded by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) through a doctoral fellowship.

REFERENCES

Bergallo, H.G. and C.F. Duarte Rocha. 1993. Activity patterns and body temperatures of two sympatric lizards (Tropidurus torquatus and *Cnemidophorus ocellifer*) with different foraging tactics in southeastern Brazil. *Amphibia-Reptilia,* 14:312-315.

Costa, H.C. and R.S. Bérnils. 2014. Répteis brasileiros: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira,* 3:74-84.

Espírito Santo. 2005. Decreto nº 1499-R, de 13 de junho de 2005. Declara as espécies da fauna e flora silvestres ameaçadas de extinção no Estado do Espírito Santo, e dá outras providências. Vitória: Diário Oficial do Estado do Espírito Santo, Poder Executivo.

Ferguson-Lees, J. and D. A. Christie. 2001. Raptors of the World. Houghton Mifflin, New York, 992 pp.

Gaiarsa, M.P., L.R.V. de Alencar and M. Martins. 2013. Natural History of Pseudoboine Snakes. *Papéis Avulsos de Zoologia,* 53:261-283.

Gogliath, M., L.B. Ribeiro and E.M.X. Freire. 2010. *Cnemidophorus ocellifer* (Spix's whiptail): Predation. *Herpetological Bulletin,* 114:36-38.

Harvey, M.B., G.N. Ugueto and R.L. Gutberlet Jr. 2012. Review of Teiid Morphology with a Revised Taxonomy and Phylogeny of the Teiidae (Lepidosauria: Squamata). *Zootaxa,* 3459:1-156.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade. 2014. Espécies Ameaçadas – Lista 2014. Available at: www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies.html [Accessed June 08, 2015].

Lira-da-Silva, R.M. 2009. *Bothrops leucurus* Wagler, 1824 (Serpentes, Viperidae): Natural History Venom, and Envenomation. *Gazeta Médica da Bahia,* 79:56-65.

Menezes, V.A. and C.F.D. Rocha. 2013. Geographic distribution, population densities, and issues on conservation of whiptail lizards in restinga habitats along the eastern coast of Brazil. *North-Western Journal of Zoology,* 9:337-344.

Menezes, V.A., C.F.D. Rocha and G.F. Dutra. 2004a. Reproductive Ecology of the Parthenogenetic Whiptail Lizard *Cnemidophorus nativo* in a Brazilian Restinga Habitat. *Journal of Herpetology,* 38:280-282.

Menezes, V.A., D. Vrcibradic, J.J. Vicente, G.F. Dutra and C.F.D. Rocha. 2004b. Helminths infecting the parthenogenetic whiptail lizard *Cnemidophorus nativo* in a restinga habitat of Bahia State, Brazil. *Journal of Helminthology,* 78:323-328.

Menezes, V.A., G.F. Dutra and C.F.D. Rocha. 2008. Feeding habits of the endemic tropical parthenogenetic lizard *Cnemidophorus nativo* (Teiidae) in a restinga area of northeastern Brazil. *Journal of Natural History,* 42:2575-2583.

Mesquita, P.C.M.D., D.C. Passos, D.M. Borges-Nojosa and S.Z. Cechin. 2013. Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no nordeste brasileiro. *Papéis Avulsos de Zoologia,* 53:99-113.

Michaud, E.J. and J.R. Dixon. 1989. Prey items of 20 species of the Neotropical colubrid snake genus *Liophis*. *Herpetological Review,* 20:39-41.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. 2014. Portaria nº 244 de 17 de dezembro de 2014. Diário Oficial da União 245:121-126.

Oniki, Y. 1995. *Gampsonyx swainsonii* come uma rolinha. *Atualidades Ornitológicas,* 65:5.

Peloso, P.L.V. and S.E. Pavan. 2007. *Cnemidophorus nativo* (NCN). Predation. *Herpetological Review,* 38:451-452.

Peloso, P.L.V., C.F.D. Rocha, S.E. Pavan and S.L. Mendes. 2008. Activity and microhabitat use by the endemic whiptail lizard, *Cnemidophorus nativo* (Teiidae), in a restinga habitat (Setiba) in the state of Espírito Santo, Brazil. *South American Journal of Herpetology,* 3:89-95.

Rocha, C.F.D., H.G. Bergallo and D. Peccinini-Seale. 1997. Evidence of an Unisexual Population of the Brazilian Whiptail Lizard Genus *Cnemidophorus* (Teiidae), with Description of a New Species. *Herpetologica,* 53:374-382.

Sales, R.F.D., L.B. Ribeiro and E.M.X. Freire. 2010. *Cnemidophorus ocellifer* (Spix's Whiptail). Cannibalism. *Herpetological Review,* 41:217-218.

Sick, H. 1997. Ornitologia Brasileira. J. F. Pacheco [ed.],. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 912 pp.

Vitt, L.J. and L.D. Vangilder. 1983. Ecology of a Snake Community in Northeastern Brazil. *Amphibia-Reptilia,* 4:273-296.



Epictia sp., Gaúcha do Norte. Foto: Reuber Brandão.

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

Instruções para Autores

INSTRUÇÕES GERAIS

Para sugerir informação ou temas a serem incluídos nas seções de Notícias, Trabalhos Recentes e Mudanças Taxonômicas, entre em contato com os Editores responsáveis da seção correspondente.

Para todas as outras seções, os manuscritos devem ser submetidos via correio eletrônico para os Editores indicados para cada seção (*ver Corpo Editorial*). Os artigos devem ser escritos somente em português, exceto para as seções de História Natural e Métodos, que também publicarão contribuições em inglês. Todos os artigos devem incluir o título, os autores com filiação, o corpo do texto, os agradecimentos e a lista de referências bibliográficas. **Os manuscritos em inglês que não atingirem o nível de gramática e ortografia semelhante ao de uma pessoa nativa de pais de língua inglesa serão devolvidos para correção ou tradução para português.**

Referências Bibliográficas

As citações no texto devem ser organizadas primeiro em ordem cronológica e segundo em ordem alfabética, de acordo com o seguinte formato: Silva (1998)..., Silva (1999: 14-20)..., Silva (1998: figs. 1, 2)..., Silva (1998a, b)..., Silva e Oliveira (1998)..., (Silva e Oliveira, 1998a, b; Adams, 2000)..., (H. R. Silva, com. pess.)..., e Silva *et al.* (1998) para mais de dois autores.

A seção de Referências Bibliográficas deve ser organizada primeiro em ordem alfabética e, em seguida, em ordem cronológica, de acordo com o seguinte formato:

Artigo de revista:
Silva, H. R., H. Oliveira e S. Rangel. Ano. Título. *Nome completo da revista,* 00:000-000.

Livro:
Silva, H. R. Ano. Título. Editora, Lugar, 000 pp.

Capítulo em livro:
Silva, H. R. Ano. Título do capítulo; pp. 000-000. *In:* H. Oliveira, e S. Rangel (Eds.), Título do Livro. Editora, local.

Dissertações e teses:
Silva, H. R. Ano. Título. Tese de doutorado ou Dissertação de mestrado, Universidade, local, 000 pp.

Página de Internet:
Silva, H. R. Data da página. Título da seção ou página particular. Título da página geral. Data da consulta, URL.

Apêndices, tabelas, legendas das figuras

Esses itens devem ser organizados em sequência, depois das Referências Bibliografias.

Apêndices

Os apêndices devem ser numerados usando números romanos na mesma sequência em que aparecem no texto. Por exemplo, Apêndice I: Espécimes Examinados.

Tabelas

As tabelas devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. Devem ser formatadas com linhas horizontais e sem linhas verticais.

Figuras

As figuras devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. As legendas devem incluir informação suficiente para que sejam entendidas sem que seja necessária a leitura do corpo do texto. Figuras compostas devem ser submetidas como um arquivo único. Cada parte de uma figura composta deve ser identificada (preferencialmente com letra maiúscula Arial de tamanho 8-12 pontos) e descrita na legenda. As figuras devem ser submetidas em arquivos separados de alta resolução (300 dpi e tamanho de impressão de pelo menos 18 cm de largura) em formato JPG ou EPS.

Instruções especiais para Notas de História Natural

No corpo do texto, os autores devem indicar claramente a relevância da observação descrita. O uso de figuras deve ser encorajado. O título deve iniciar com a espécie alvo da nota, seguida pela posição taxonômica e pelo assunto (incluindo a identidade do predador, parasita etc., ao menor nível taxonômico possível). Veja exemplos neste número.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA